

Mesmo sendo propriedades de pessoas que compunham a elite social do Rio Grande do Sul no século XIX – militares ou homens com poderes equivalentes a tal – as estâncias da região estudada apresentam construções bastante simples se comparadas às zonas brasileiras de produção de açúcar ou café, por exemplo. Essa relativa simplicidade também é uma característica das moradias dos próprios estancieiros.

Esse dado foi notado por Auguste de Saint-Hilaire, que por vezes se referiu às casas dos estancieiros de uma forma que evidenciava sua pobreza, como no trecho em que escreve: “A estância em que fiquei não passa de uma desprezível choupana, sem mobiliário<sup>162</sup>”. Ou, ainda, quando registra: “Paramos numa estância pertencente aos campos percorridos. É uma casa muito mal construída, de pau-a-pique, mas coberta de telhas<sup>163</sup>”. As anotações de Saint-Hilaire fornecem informações relevantes a respeito das características arquitetônicas presentes no meio rural rio-grandense à época de sua visita (1820-21). Mesmo que o cronista tenha usado juízo de valor, classificando algumas casas de estancieiros de “desprezível choupana” ou “muito mal construída”, a partir de seu ponto de vista particular, as informações objetivas atribuídas a essas casas, como “sem mobiliário” e “de pau-a-pique”, constituem-se em dados mais precisos sobre as características dessas moradias. Entretanto, é possível que as casas a que Saint-Hilaire se refere sejam as moradias classificadas por Luccas como *arcaicas*, isto é, casas construídas com materiais locais e seguindo técnicas rudimentares. Essas características eram comuns às moradias provisórias ou pioneiras, provavelmente o tipo de construção que Saint-Hilaire presenciou.

---

<sup>162</sup> SAINT-HILAIRE, 2002, p. 104.

<sup>163</sup> SAINT-HILAIRE, 2002, p. 19-20.

Em *História do Rio Grande do Sul* Moacyr Flores se refere a esse tipo de construção simples como sendo característica das sedes das primeiras estâncias, em que as casas eram “precárias, de paredes de pau a pique, cobertura de sapé e com apenas três peças”<sup>164</sup>. Essas construções possivelmente não constituíam a moradia definitiva dos donos.

Na área considerada para o presente estudo foi encontrado um exemplar desse tipo de edificação provisória, na atual Granja Santa Eliza, dado confirmado pelo bisneto do fundador dessa propriedade. Mesmo constituída por paredes mistas, feitas de pedra e tijolos, as formas e o tamanho reduzido dessa moradia, se comparada às outras casas-sede do período, enquadraram-na na descrição das casas provisórias do século XIX. A simplicidade das formas e materiais empregados nas construções provisórias estendeu-se para as casas definitivas construídas posteriormente, o que foi uma característica presente principalmente na metade norte do Rio Grande do Sul.

De acordo com Luccas, as sedes construídas, em sua maioria, até meados do século XIX, evidenciam uma tipologia classificada de *tradicional*<sup>165</sup>. Mais uma vez, essa classificação não tem um limite cronológico fixo. No caso do Noroeste do Rio Grande do Sul, região ocupada tardiamente pelos portugueses, e onde as estâncias estruturaram-se somente a partir da efetivação do domínio luso (1801), a arquitetura das casas-sede acompanhou esse processo tardio, revelando em suas formas certo conservadorismo se comparadas a outras regiões da Província. Na região que correspondia a Cruz Alta, mais especificamente, onde o povoamento mais efetivo deu-se por volta de 1830, a arquitetura das casas dos estancieiros, mesmo das definitivas, é bastante simples, característica presente até mesmo nas construções

---

<sup>164</sup> FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1997, p. 71.

<sup>165</sup> LUCCAS, 1997, p.133.

de fins do século, momento em que outras áreas do Rio Grande do Sul já incorporavam elementos inovadores, industrializados e até mesmo importados.

Pode-se dizer que as casas-sede da região em estudo representam, em sua maioria, tipologias tradicionais. Esse tipo de moradia, segundo Luccas, apresenta um aspecto de construção definitiva, pelo porte (aumento do pé direito, se comparado ao das casas provisórias de tipo arcaico), pelos materiais utilizados (tijolos), e pelo emprego da técnica construtiva de pedra e cal (técnica que usa argamassa de cal e areia). Também a caiação branca é uma característica desses tipos tradicionais, bem como uma barra protetora junto à base das paredes externas, geralmente em cor combinada às aberturas – comumente o azul cobalto, o vermelho chinês, o verde e o amarelo cádmio. O autor ainda cita o emprego de caixilhos envidraçados exteriorizados nas aberturas. Em seu conjunto, essas características conferem à casa-sede um aspecto bastante simples, limitado a um repertório reduzido de elementos arquitetônicos, com materiais e procedimentos construtivos padronizados.

Em sua pesquisa sobre a arquitetura rural do Noroeste do estado, Silva<sup>166</sup> registra o emprego de técnicas e de materiais diferentes dentro do mesmo contexto. A partir de suas informações pode-se inferir que não havia uma padronização tipológica entre as casas-sede, mas uma semelhança entre os materiais construtivos empregados, combinados de formas diversas. Dentre esses materiais, comumente foram evidenciados, combinados de diversas formas, tijolos, pedras (particularmente basalto e arenito), argamassa de cal, de cal e barro, de barro e estrume, de barro e areia, madeira e telhas (principalmente do tipo capa e canal). O uso desses elementos locais de acordo com técnicas construtivas rudimentares resultou em

---

<sup>166</sup> SILVA, 2004.

construções de formas simples (se comparadas a outras regiões, como já mencionado).

Ainda que fossem simples, as casas dos estancieiros no Noroeste da Província possuíam alguns elementos básicos que as diferenciavam das demais residências da sede, sendo superiores não só nos materiais empregados, mas também pela presença de diferentes espaços funcionais. Era característica comum das casas-sede a presença de dormitórios (entre 3 e 5), corredor, sala da frente, varanda, cozinha, dormitório de hóspedes, alcovas, capela, oratório ou nicho. Apesar da simplicidade, um relativo conforto e certa privacidade eram assegurados nessas moradias, o que não ocorria com as demais construções.

Como afirmado anteriormente, a simplicidade das casas-sede é atribuída em grande medida à ausência de mão-de-obra especializada na realização de seu projeto e execução. Soma-se a isso o relativo isolamento entre uma sede e outra, o que limitava o convívio social e, conseqüentemente, os espaços para sua promoção. A combinação de mão-de-obra não especializada, ausência de plano arquitetônico e utilização de materiais construtivos locais na execução das moradias é uma característica do conjunto arquitetônico das estâncias estudadas. Somados, esses três elementos resultam na chamada *arquitetura vernácula*<sup>167</sup>.

Segundo Deetz, a arquitetura vernácula, por ser executada sem o benefício de planos formais (como ocorre com a arquitetura acadêmica), apresenta estruturas que, sendo produto direto de seus usuários, formam um indicador sensível dos sentimentos dessas pessoas, de suas idéias com relação ao que lhes é ou não adequado. Conseqüentemente, mudanças em atitudes, valores e visão de mundo

---

<sup>167</sup> “Própria de cada povo, executada com materiais locais e com limitado repertório técnico e estético” (SILVA, 2004, p. 223).

são comumente refletidas em mudanças nas formas desse tipo de construção. Desse modo, enquanto a arquitetura vernácula constitui-se em um aspecto da cultura tradicional, a arquitetura acadêmica é um aspecto da cultura popular, pois reflete estilos contemporâneos de *design*, mais ligados às tendências de mercado do que às atitudes e estilos de vida dos usuários de suas edificações<sup>168</sup>.

Um incremento nas formas e técnicas construtivas foi introduzido aos poucos no século XIX, ainda que essa modificação tenha sido mais presente no sul do Rio Grande. Elementos mais rebuscados, inclusive importados da Europa, passaram a ser empregados nas construções na segunda metade do século XIX. O emprego de materiais industrializados também foi característica desse período. Contudo, esse incremento nas formas, nas técnicas e nos elementos decorativos, como dito anteriormente, foi uma característica de regiões menos isoladas, e, por conseguinte, menos conservadoras. As características arquitetônicas das casas dos estancieiros não foram modificadas conjuntamente no mesmo período. O que pode ser afirmado é que uma maior complexidade arquitetônica, percebida nas formas, materiais e técnicas construtivas, foi sendo introduzida no Rio Grande do Sul a partir da segunda metade do século XIX. Entretanto, essa inovação não foi adotada de forma homogênea.

Luccas se refere a esse período de inovações como sendo o apogeu de inteligência empírica da arquitetura estancieira, o que teria sido alcançado por meio de uma experimentação prática. Essa experimentação incluía a apropriação de materiais locais e de métodos construtivos compatíveis com estes materiais e, ainda, soluções que buscavam maior conforto ambiental, combinando, de modo limitado, elementos de arquitetura (portas, janelas, vedações, coberturas, etc.) que

---

<sup>168</sup> DEETZ, 1977, p. 126.

apresentavam comprovada correção construtiva e estética<sup>169</sup>. Segundo o autor, este “corpo de conhecimentos” é substituído devido a diversos fatores, como

a melhoria dos meios de produção de manufaturados (tijolos, telhas, esquadrias, ...) ou sua importação, possível pelo transporte de mercadorias consolidado, o que resultou em uma razoável padronização dos meios construtivos, com as alvenarias de tijolos e outros elementos *standards*<sup>170</sup>.

Outro fator destacado por Luccas é a adoção de novos padrões externos, seja na tentativa rudimentar local, embasada na transmissão direta do conhecimento e marcada por um pragmatismo direcionador da construção, seja a partir de uma concepção acadêmica, transmitida por meio de profissionais qualificados especializados na atividade construtiva<sup>171</sup>. Enquanto o sul da Província, em maior contato com idéias inovadoras, foi marcado pelo segundo modelo, a região Noroeste do Rio Grande do Sul foi marcada pelas características construtivas do padrão rudimentar local.

Pode-se dizer que a arquitetura rural do conjunto das estâncias analisadas, levando-se em consideração as casas-sede, representa a manifestação de formas vernáculas, característica da região no século XIX. Essas manifestações concretas da cultura regional estão sendo aos poucos substituídas por estilos acadêmicos. A escassa amostragem da arquitetura rural do século XIX presente hoje na área em estudo comprova esta substituição.

---

<sup>169</sup> LUCCAS, 1997, p. 143.

<sup>170</sup> LUCCAS, 1997, p. 144.

<sup>171</sup> LUCCAS, 1997, p. 144.

### 2.2.2 A senzala

Dentre os elementos arquitetônicos que compunham as sedes das estâncias pesquisadas, as senzalas, ou *casas de negros*, são as construções menos encontradas. Por terem sido construídas com materiais de baixa qualidade e também por terem sido desativadas em fins do século XIX, quase não há vestígios arquitetônicos dessas moradias.

Embora sua presença fosse comum nas estâncias da época, as senzalas nem sempre eram a moradia dos escravos. Os espaços que abrigavam os cativos poderiam variar de acordo com a função exercida por esses trabalhadores: se domésticos, eles dormiam no chão de compartimentos da casa senhorial, como a cozinha, os corredores, os quartos e as alcovas, junto ao leito dos senhores ou encostados nas portas dos dormitórios; se campeiros, os escravos dormiam nos galpões, como as senzalas<sup>172</sup>.

Como referido anteriormente, as estâncias do Rio Grande do Sul eram relativamente pobres, se comparadas às fazendas de café ou aos engenhos de açúcar, por exemplo. Entretanto, mesmo dentro dessas condições mais simples havia espaço para a manifestação de diferenciações sociais no plano arquitetônico. Isso ficava evidente na própria senzala, construção na qual eram empregados materiais construtivos ainda mais frágeis que os utilizados nas casas-sede. Além disso, o reduzido tamanho desse tipo de edificação, a ausência de divisões em seu interior, o piso de terra batida, o emprego de materiais descartados, como telhas e tijolos quebrados, entre outros elementos, mostram que essas moradias eram ainda mais pobres que as demais construções, também simples, que compunham as

---

<sup>172</sup> SILVA, 2004.

estâncias mais humildes. As *casas de negros* estavam presentes mesmo dentro das sedes mais pobres, e a inferioridade de suas formas e elementos construtivos caracterizava um padrão para este tipo arquitetônico. Mais uma vez o diário de Saint-Hilaire registra essa situação: mesmo se referindo à casa de um estancieiro por onde passou como sendo “muito mal construída, de pau-a-pique”, o cronista registra ter visto, ao lado dessa moradia, “laranjeiras, currais, e algumas casas de negros”<sup>173</sup>. Da mesma forma, quando se refere à casa em que ficou como sendo uma “desprezível choupana, sem mobiliário”, registra também que esta casa estava “cercada de algumas senzalas”<sup>174</sup>.

Embora comuns no século XIX, as moradias que abrigavam escravos são, como já afirmado, raramente encontradas hoje. Dentre as propriedades rurais consideradas na presente pesquisa, somente duas – a Fazenda do Ivahy e a estância Vista Alegre – ainda registram a presença da senzala. Entretanto, as estruturas arquitetônicas de ambas foram significativamente alteradas – uma, devido ao excesso de reformas por que passou; a outra, devido à falta de iniciativas que promovessem sua conservação.

Na Fazenda Ivahy, a senzala (figuras 25 e 26) está posicionada nos fundos da casa-sede, a uma distância bastante reduzida – cerca de 10m. O aproveitamento dessa construção dentro da dinâmica da fazenda hoje resultou em uma alteração significativa em sua estrutura original: as paredes e o teto foram reforçados, as telhas originais foram substituídas por telhado de zinco, assim como foram colocadas portas e janelas de metal e vidro. A antiga senzala é atualmente utilizada parte como galpão, parte como casa para o capataz.

---

<sup>173</sup> SAINT-HILAIRE, 2002, p. 19-20.

<sup>174</sup> SAINT-HILAIRE, 2002, p. 104.





Figura 25: A antiga senzala da Fazenda do Ivahy é hoje utilizada como galpão e casa para o capataz.  
Fonte: Acervo da autora (02/01/2003).



Figura 26: Antiga senzala da Fazenda Ivahy, hoje reformada. Fonte: Acervo da autora (02/01/2003).

Já na estância Vista Alegre a situação é extremamente oposta: a senzala encontra-se em ruínas (figura 27), em fase avançada de desmoronamento. Mesmo assim, as formas que lhe restam permitem visualizar importantes características arquitetônicas de sua composição original, como a estrutura em madeira que suporta o telhado (figura 28), o material utilizado em suas paredes (figura 29), as telhas capa e canal (figura 30), o chão de terra batida (perceptível nas figuras 28 e 32), e mesmo a disposição de algumas aberturas (figuras 27, 31, 32 e 33).



Figura 27: Fachada da senzala da estância Vista Alegre (da esquerda para a direita, abertura do anexo, ampliada devido ao desmoronamento da parede, e aberturas do corpo da senzala). Fonte: Acervo da autora (25/08/2006).



Figura 28: Interior da senzala da estância Vista Alegre. Fonte: Arquivo da autora (25/08/2006).



Figura 29: Parede da senzala da estância Vista Alegre. Fonte: Arquivo da autora (25/08/2006).



Figura 30: Telhado da senzala da estância Vista Alegre. Fonte: Arquivo da autora (25/08/2006).



Figura 31: Fundos da senzala da estância Vista Alegre. O desmoronamento da parede evidencia uma das aberturas frontais do corpo da senzala. Fonte: Acervo da autora (25/08/2006).



Figura 32: Interior da senzala da estância Vista Alegre. Fonte: Arquivo da autora (25/08/2006).





Figura 33: Interior da senzala da estância Vista Alegre, com destaque para o desmoronamento da parede lateral.  
Fonte: Acervo da autora (fotografia de autoria de Paulo Roberto Koch, Jr., em 16/01/2007).

A ausência das senzalas nas sedes das propriedades rurais da região de Cruz Alta também foi registrada por Silva. Dentre as oito propriedades estudadas pelo arquiteto, somente a Fazenda do Sobrado, contemporânea à Vista Alegre, ainda conserva um galpão de pedra que é tido como uma antiga senzala<sup>175</sup>. Este galpão (figura 34) teria sido inicialmente um posto jesuítico, ou parte de um aldeamento indígena da época missioneira. Quando, em 1840, João da Costa Furtado adquiriu essas terras e fundou sua estância, no atual município de Bossoroca, mandou erigir um sobrado, e utilizou o galpão de pedras já existente no local como senzala<sup>176</sup>. Embora essa informação não seja comprovada por documentação oficial, a construção é tida pelos habitantes locais como uma antiga senzala.

Considerando essa informação válida, depara-se com um outro limite à pesquisa: mesmo que o referido galpão de pedra tenha sido utilizado como senzala, ele não foi construído com essa finalidade, pois já estava no local quando João da Costa Furtado ali se estabeleceu. Suas características, portanto, embora se assemelhem no tamanho e formato às outras duas senzalas (do Ivahy e da Vista Alegre), não podem ser consideradas referências para a arquitetura desse tipo de moradia. Desse modo, somente a senzala da estância Vista Alegre constitui-se em uma fonte para um estudo mais detalhado das formas e materiais empregados nesse tipo de construção.

---

<sup>175</sup> SILVA, 2004, p. 147.

<sup>176</sup> **BOSSOROCA**. História e pontos turísticos. Prefeitura Municipal de Bossoroca. Secretaria Municipal de Turismo e Desenvolvimento Econômico. Administração 2001/2004.



Figura 34: Senzala da Fazenda do Sobrado, em Bossoroca. Fonte: **BOSSOROCA**. Pref. Municipal, 20001/2004.

Em um sentido geral pode-se dizer que além de apresentar um tamanho reduzido, se comparada à casa-sede, a senzala era inferior também em relação aos materiais utilizados. A diferença era tal que os viajantes do século XIX, ao percorrerem a Província do Rio Grande do Sul, facilmente identificavam as senzalas em meio às demais edificações que compunham a sede das estâncias. Isso considerando que a própria casa do estancieiro era também bastante simples, por vezes pobre, e feita com materiais locais.

Como já referido, eram empregados nas construções das estâncias pedras, tijolos, argamassa, telhas, madeira, todos elementos encontrados na natureza ou confeccionados localmente – na própria estância ou em uma área próxima. Mesmo que a mão-de-obra e os materiais construtivos utilizados fossem os mesmos nas diversas edificações, as moradias que abrigavam os escravos tinham um resultado formal bastante precário, muito inferior à casa-sede. Esse dado está bastante evidente na senzala da estância Vista Alegre, e pode também justificar seu estado de degradação.

Uma vez que o estancieiro tinha a seu dispor tanto a mão-de-obra cativa quanto os materiais construtivos, a explicação para a precariedade das moradias dos escravos vincula-se à própria decisão do dono da estância, direcionador de sua composição arquitetônica tanto no que diz respeito às funções das construções quanto às suas formas. Se essa opção dava-se por preconceito, subjugo, ou por necessidade de empregar a mão-de-obra cativa em serviços essenciais para o andamento da propriedade, não há como afirmar categoricamente. Entretanto, pelas características sociais hierárquicas da época, em que o negro era visto pela elite branca como inferior, é bastante provável que essa visão fosse traduzida também nas construções que tinham a função de abrigar os africanos e seus descendentes.

Desse modo, o piso de chão batido, as paredes de cacos de telhas e tijolos, a argamassa de baixíssima qualidade, o tamanho reduzido e a ausência de qualquer indício de conforto não podem ter somente uma justificativa econômica. Essas formas revelam a hierarquia do período e a condição social dos negros na sociedade estancieira do Rio Grande do Sul oitocentista. Não foi diferente na região de Cruz Alta.

### 2.2.3 O galpão

No estudo das moradias que compunham as sedes das estâncias do século XIX no Rio Grande do Sul é interessante notar que não há uma denominação exclusiva para identificar as residências dos peões. Enquanto que a casa-sede e a senzala são construções que se destinavam à família do estancieiro e aos escravos, respectivamente, as construções que abrigavam os trabalhadores livres das estâncias recebem a denominação genérica de galpões,

alguns de alvenaria, a maioria de tábuas, coberta de telhas ou tabuinhas. Ali ficava o alojamento dos peões, com tarimbas para as camas de arrêios, recanto para fogo e espaço grande para variadas finalidades, inclusive encilhar cavalos em dias de chuva. As estrebarias ficavam numa varanda do mesmo galpão. Num canto estava o quarto para hóspedes modestos ou viajeros<sup>177</sup>.

O termo galpão designa, dessa forma, construções destinadas a funções variadas, como cozinha, atafona, armazém, casa dos arreios, depósitos de sal, estrebaria, curral, galinheiro, pocilga, paiol, quarto de hóspedes, senzala, e também residência dos peões. Embora suas formas pudessem variar de acordo com a

---

<sup>177</sup> GOMES, 1966, p. 55-56.

função que desempenhavam na estância, elas comumente eram retangulares, cabendo às divisões internas a diferenciação dos ambientes de acordo com sua finalidade. Os galpões ainda existentes nas propriedades em estudo (figuras 35 a 40) foram edificados com pedras, tijolos, ou a combinação dos dois, estando presentes em todas as sedes das fazendas pesquisadas, onde são atualmente utilizados como construções de funções múltiplas, principalmente como depósito, cozinha, garagem e dormitório temporário.



Figura 35: Galpão de pedras na Cabanha Taquarembó. Fonte: Acervo da autora (30/12/2002).



Figura 36: Galpão de pedras na Cabanha Taquarembó. Fonte: Acervo da autora (30/12/2002).





Figura 37: Galpão de tijolos na Fazenda do Triunfo, construído em 1912. Fonte: Acervo da autora (fotografia de autoria de Fernando Santos de Almeida, em 03/08/2006).



Figura 38: Fachada do galpão da estância Vista Alegre. Fonte: Arquivo da autora (fotografia de autoria de Paulo Roberto Koch Jr., em 16/01/2007).



Figura 39: Fundos do galpão da estância Vista Alegre. Fonte: Arquivo da autora (25/08/2006).



Figura 40: Fogo de chão e ganchos para pendurar a carne no interior do galpão da estância Vista Alegre.  
Fonte: Arquivo da autora (25/08/2006).

### **3 OS ESPAÇOS CONSTRUÍDOS, A EXPERIÊNCIA CORPORAL E A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA**

Enquanto criações sociais, as formas arquitetônicas funcionam como instrumentos que, em níveis diferenciados de influência, direcionam os seres humanos para uma atuação no mundo. Essa direção é dada, embora nem sempre de modo consciente, de acordo com a lógica do indivíduo ou do grupo que criou essas formas. Em esferas particulares, como o interior de uma residência, por exemplo, a direção dada pelas formas arquitetônicas pode traduzir a idealização que o seu proprietário tem a respeito do que é uma casa. A “casa dos sonhos” que cada um imagina para si é uma idealização que representa essa lógica individual do ser humano, e por isso é desenhada com formas, cores e estilos tão diversos, muitas vezes impossíveis de serem concretizados. Não há um padrão que reprima as formas da casa idílica de cada um. O mesmo não ocorre em esferas sociais mais amplas, que atingem a coletividade – um grupo de famílias, uma vila ou uma cidade.

As construções destinadas a constituir o ambiente de um grupo maior de pessoas refletem políticas públicas de determinada gestão governamental, concepções que comunidades específicas têm sobre formas de lazer, tendências arquitetônicas internacionais ou locais, entre tantas outras possibilidades. Em uma esfera mais ampla, que atinge uma coletividade social, o direcionamento dado pelas formas materiais construídas revela a lógica de seu idealizador. As construções, nesse sentido, atuam como formas de perpetuação de códigos culturais e de regras sociais, fazendo com que os ambientes que se formam a partir da inserção de

elementos construtivos em dada paisagem se constituam em espaços cheios de significados.

Mesmo que sejam vivenciadas e entendidas de modos diferentes pelas pessoas, é inegável que as construções exercem algum tipo de influência nos indivíduos que com elas interagem. Aliás, interação é uma palavra-chave para o estudo das sociedades e suas construções – os seres humanos e as formas arquitetônicas interagem, formam-se, delineiam-se mutuamente, num contínuo processo de ser e tornar-se. Existe uma relação dinâmica e dialética envolvendo as pessoas e a materialidade em geral que faz dos ambientes construídos espaços de poder. É sobre o modo como essa relação se dá e como ela contribui para o processo de formação de identidades em meio ao contexto estancieiro da região de Cruz Alta que o presente capítulo diz respeito.

### 3.1 A pluralidade do espaço e o enfoque fenomenológico

Para tratar dos ambientes construídos enquanto espaços de poder é necessário que se explicita, em um primeiro momento, a noção de espaço que norteia esse estudo. Isso porque o conceito de espaço, freqüentemente utilizado de forma displicente, acaba por ser confundido com outros termos. Como bem observou Artur Barcelos em *O Mergulho no Seculum*, a dificuldade de lidar com a construção de conceitos alheios, como a própria idéia de espaço, resulta em uma adequação mais do objeto ao conceito do que o inverso<sup>178</sup>. Segundo o autor, é necessário

---

<sup>178</sup> BARCELOS, Artur Henrique Franco. **O Mergulho no Seculum**: exploração, conquista e organização espacial jesuítica na América espanhola colonial. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 2006, p. 15.

definir, “aprisionar” o espaço a fim de poder lidar com o mesmo enquanto uma categoria de análise da realidade:

Reconhece-se, assim, uma limitação nas interpretações sobre o espaço e se verifica o imperativo do método, que demonstra a forma como o espaço é apreendido, para logo, se possível, tornar-se inteligível<sup>179</sup>.

O cuidado na utilização do conceito de espaço não se limita, portanto, a evitar confusões de terminologia e semântica: o sentido que esse termo evoca dentro de um estudo científico evidencia as posições teóricas que o norteiam.

Aqui o conceito de espaço tem sua fundamentação teórica nos pressupostos da fenomenologia da paisagem, linha de pesquisa que vem sendo desenvolvida há cerca de uma década<sup>180</sup> por estudiosos da cultura material. O conceito de espaço a ser trabalhado na presente pesquisa está estreitamente relacionado aos seres humanos, tidos em grupos sociais ou individualmente. Por sua dimensão humana, o espaço aqui apresentado é considerado dinâmico, relacional e temporal – ligado a um contexto, enfim. Por seu caráter contextual, o espaço torna-se plural – são vários os espaços, e não são homogêneos. São contraditórios em sua existência. São subjetivos, específicos, densos. São históricos.

Nos anos 60 do século XX a Nova Arqueologia (posteriormente denominada *Processual*, devido à ênfase que dava à idéia de processo cultural) surgia como um movimento de insatisfação com relação ao modo como a Arqueologia vinha sendo até então praticada e entendida. A tentativa dessa corrente teórica anglo-americana em perceber as pessoas por detrás dos dados arqueológicos (dos artefatos) era embasada no ideal de fazer o trabalho do arqueólogo ser mais científico e mais

---

<sup>179</sup> BARCELOS, 2006, p. 4.

<sup>180</sup> O trabalho de Christopher Tilley em *A Phenomenology of Landscape*, publicado em 1994, é considerado um marco nesse sentido.

antropológico. Até então, como Matthew Johnson coloca, os estilos cerâmicos e os tipos de casas pareciam ter criado pernas e andado por aí sem qualquer auxílio humano<sup>181</sup>. Entretanto, essa busca pela cientificidade acabou por aproximar a Nova Arqueologia da Nova Geografia, surgida uma década antes, o que trouxe para os estudos arqueológicos o conceito de um espaço estéril, desumanizado.

A Nova Geografia buscava se cercar de elementos exatos, de definições precisas, de leis e regularidades comprovadas. Para atender a esse objetivo, empregou técnicas estatísticas, fez uso da geometria, adotou analogias com ciências da natureza, entre outras características que contribuíram para fazê-la conhecida como *geografia quantitativa*<sup>182</sup>. No mesmo sentido, a Nova Arqueologia buscava fundamentar sua cientificidade em elementos empíricos, em dados precisos, em números, tabelas e gráficos. Também se configurava como uma disciplina quantitativa. Dessas orientações teóricas resultou um espaço abstrato, entendido como um contêiner para as atividades e eventos humanos, conceitual e fisicamente dissociado dessas atividades e eventos e, por isso, concebido como universal: o espaço seria sempre o mesmo, desde os tempos mais remotos até o presente, conservando-se sem modificações também no futuro<sup>183</sup>.

A suposta neutralidade desse espaço resultou em um entendimento de que o mesmo estaria divorciado de qualquer estrutura de dominação ou poder. Essa idéia deu origem a uma perspectiva simplista, traduzida em mapas repletos de pontos que deveriam indicar artefatos, sítios, populações, bem como o fluxo de objetos, informações e pessoas ao longo de diferentes áreas. Esses mapas formavam a representação de diferentes áreas culturais cronologicamente distribuídas. O espaço

---

<sup>181</sup> JOHNSON, Matthew. **Archaeological Theory**. An introduction. Oxford: Blackwell, 1999, p. 21.

<sup>182</sup> CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e Organização Espacial**. São Paulo: Ática, 1991, p. 18.

<sup>183</sup> TILLEY, 1994, p. 9.



era apenas palco; era abstrato e ao mesmo tempo geométrico; poderia ser rigorosamente medido e descrito.

Uma visão alternativa, pós Nova Arqueologia (pós-processual, portanto), mais preocupada com a interpretação do que com a explicação, veio propor um espaço humanizado, contextualmente constituído, ligado a biografias pessoais e a relações sociais. Segundo essa visão, o que o espaço é depende de quem o experiencia, e de que forma isso ocorre. Assim sendo, a experiência espacial não é inocente ou neutra, mas é investida com poderes de acordo com a idade, gênero, posição social e relacionamentos inter-pessoais<sup>184</sup>. Dessa forma, por ser, assim como o tempo, qualitativamente experienciado, o espaço não deve ser entendido simplesmente como uma variável neutra<sup>185</sup>.

Como afirma Merleau-Ponty,

o espaço não é o ambiente (real ou lógico) em que as coisas se dispõem, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível. Quer dizer, em lugar de imaginá-lo como uma espécie de éter no qual todas as coisas mergulham, ou de concebê-lo abstratamente com um caráter que lhe seja comum, devemos pensá-lo como a potência universal de suas conexões. Portanto, ou eu não reflito, vivo nas coisas e considero vagamente o espaço ora como o ambiente das coisas, ora como seu atributo comum, ou então eu reflito, retomo o espaço em sua fonte, penso atualmente as relações que estão sob essa palavra, e percebo então que elas só vivem por um sujeito que as trace e as suporte, passo do espaço espacializado ao espaço espacializante.<sup>186</sup>

Esse enfoque pressupõe uma contínua dialética entre os dados empíricos e as idéias, do que resulta um entendimento do espaço enquanto formado a partir da variedade de experiências e ações humanas. É possível afirmar, portanto, que o espaço possui historicidade, revela história, sendo composto de momentos

---

<sup>184</sup> TILLEY, 1994, p. 11.

<sup>185</sup> HODDER, Ian and HUTSON, Scott. **Reading the Past**. Current approaches to interpretation in Archaeology. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 178.

<sup>186</sup> MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 328.

passados e presentes, do que aconteceu e do que está acontecendo, como define o geógrafo Milton Santos, que conceituou o espaço como sendo formado, “de um lado, pelo resultado material das ações humanas através do tempo, e, de outro lado, animado pelas ações atuais que hoje lhe atribuem um dinamismo e uma funcionalidade”<sup>187</sup>. Tempo passado e tempo presente somam-se na composição espacial, como ainda expôs Milton Santos:

O passado passou, e só o presente é real, mas a atualidade do espaço tem isso de singular: ela é formada de momentos que foram, estando agora cristalizados como objetos geográficos atuais; essas formas-objetos, tempo passado, são igualmente tempo presente enquanto formas que abrigam uma essência, dada pelo fracionamento da sociedade total. Por isso, o momento passado está morto como *tempo*, não porém como *espaço*; o momento passado já não é, nem voltará a ser, mas sua objetivação não equivale totalmente ao passado, uma vez que está sempre aqui e participa da vida atual como forma indispensável à realização social<sup>188</sup>.

A dinâmica do espaço o torna cheio de significados e também de significantes. O espaço é constituído de diversos elementos, da natureza, das criações humanas, de seres animados, inanimados, de um conjunto que faz com que sua existência seja atuante no mundo. O espaço não é palco. O espaço atua e faz atuar. É essa concepção de espaço humanizado que norteia a presente pesquisa. A natureza desse espaço não é inerte; também não é fixa.

Em sua constituição estão envolvidos vários elementos, que fazem do espaço algo plural e relacional. Por isso é mais pertinente falar em espaços do que em espaço. O conceito não é fechado, nem geograficamente, tampouco idealmente. O espaço, como coloca Tilley<sup>189</sup>, é composto também pela terra, pelo céu e pelas constelações, pelas divindades, pelo nascimento e pela morte. Essa noção de

---

<sup>187</sup> SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: HUCITEC, 1997, p. 85.

<sup>188</sup> SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem**. São Paulo: Edusp, 2004, p. 14.

<sup>189</sup> TILLEY, 1994.

espaço aberto, não quantificável ou mensurável em termos absolutos, conduz o estudo que aqui se apresenta. Por isso a dificuldade – e a impossibilidade – de apreender esse espaço em sua totalidade: é possível ouvir os sons, ver as cores, as formas, sentir os cheiros, os gostos, o toque, quantificar alguns elementos e narrar algumas sensações, mas a subjetividade do espaço enquanto participante da formação identitária de cada indivíduo não é mensurável. Pode ser imaginada, mas nunca será exata.

Em vez de invalidar a pesquisa, esse conceito justamente traduz uma visão a respeito de ciência que não é fechada e que vê as teorias mais como modelos para pensar o mundo do que modelos do próprio do mundo. A impossibilidade de abarcar o todo é um dado que deve ser encarado pelos pesquisadores das ciências humanas como algo óbvio, não como um fracasso científico ou metodológico. É o reconhecimento de que o objeto de estudo final – o ser humano – não pode ser compreendido em sua totalidade mesmo com as técnicas mais avançadas de pesquisa empírica. Enquanto a descrição pode ser precisa e a explicação plausível, a interpretação é e sempre será subjetiva. Interpretar o passado possibilita compreendê-lo em alguns de seus múltiplos significados. Interpretar o espaço de hoje – ou alguns de seus significados – é mais uma forma de entender o passado.

Didática e artificialmente é possível dividir o espaço para empreender seu estudo: o espaço físico do mundo não humanamente criado; o espaço tomado pelo corpo; o espaço mental da cognição e representação; o espaço construído; o espaço do movimento, encontro e interação entre os indivíduos e entre esses e as coisas, só para citar algumas possibilidades. Nesse sentido, em *A Phenomenology of Landscape* Christopher Tilley<sup>190</sup> identifica cinco formas de espaço propostas por

---

<sup>190</sup> TILLEY, 1994, p. 15-17.

geógrafos que trabalham com o enfoque fenomenológico, como Taun, Pickles, Relph, Buttimer, Seamon e Mugerauer: o espaço somático, o perceptual, o existencial, o arquitetural e o cognitivo<sup>191</sup>. Abaixo há um apanhado das noções que fundamentam essa pluralidade de espaços.

O espaço somático é o espaço da experiência sensória e do movimento corporal. O espaço abre-se ante o corpo e é diferenciável em termos de frente/trás; esquerda/direita; vertical/horizontal; topo/base; ao alcance/fora de alcance; audível/não audível; dentro do campo de visão/além do campo de visão; aqui/lá. Dessa forma, o aparato físico do corpo impõe um esquema ao espaço através do qual este pode ser experienciado e entendido. É esse esquema que cria rotinas de movimento através do espaço arquitetônico, rotinas estas que tornam os indivíduos conscientes de como prosseguir no mundo.

O espaço perceptual é sempre relativo e qualitativo, uma vez que é baseado na percepção individual de cada ser humano. O espaço perceptual liga padrões de intencionalidade individual ao movimento corporal e à percepção. É um espaço que envolve sentimentos e histórias pessoais, que remete a sensações de medo ou conforto e fornece as noções de perto e longe, por exemplo. Através das ligações emocionais, esse espaço gera lugares de importância afetiva.

O espaço existencial é estreitamente relacionado ao espaço perceptual. Seus significados transcendem o individual e formam a base para o espaço perceptual. É um espaço repleto de significados adquiridos ao longo da vida das pessoas em sociedade. Dá origem a sentimentos coletivos de pertença e reconhecimento grupal,

---

<sup>191</sup> É importante lembrar que essa classificação não tem o objetivo de “encaixotar” o espaço, e apenas funciona como uma alternativa heurística para melhor entendê-lo.

os quais são constituídos a partir da existência de uma sociedade em contato com determinadas construções, objetos e características topográficas específicas.

O espaço arquitetônico, também relacionado aos demais, envolve uma tentativa deliberada em criar o dentro, o fora, o entorno – canais por onde se realiza o movimento, enfim. A arquitetura é a criação deliberada de espaço feito tangível, visível e sensível. Por isso as construções têm um papel fundamental na criação e recriação, produção e reprodução do espaço existencial e contribuem efetivamente para estruturar o espaço perceptual.

Por fim, o espaço cognitivo proporciona uma base para reflexão e teorização com relação ao entendimento dos outros. É o “espaço” da discussão, da análise e da interpretação.

A multiplicidade de espaços também passa pela escala em que eles devem ser considerados. Existe algum espaço ideal a ser analisado? Depende do enfoque e dos objetivos da pesquisa. Não existe nenhuma escala de contexto espacial correta *a priori* – pode ser uma pequena área ou o mundo, de acordo com sua relevância para a pesquisa. Como Ian Hodder e Scott Hutson<sup>192</sup> bem exemplificam, a escolha de um espaço é similar às possibilidades de respostas dadas por uma pessoa quando lhe perguntam: “– De onde você é?”. A resposta – rua, bairro, cidade, estado, país, continente – dependerá de questões contextuais, como, por exemplo, com quem se está falando, onde, e porque a questão está sendo feita. Portanto, não existe uma correta ou ideal escala espacial de análise; esta é definida de acordo com o contexto que se quer analisar.

---

<sup>192</sup> HODDER & HUTSON, 2003, p. 179.

Em seu estudo sobre o espaço missioneiro, resultado de seu trabalho de mestrado, Artur Barcelos<sup>193</sup> faz um apanhado das práticas e concepções teóricas sugeridas pela Arqueologia Espacial, apresentando concepções do espaço que conduzem a propostas concretas de intervenção arqueológica. O espaço, para fins de intervenção arqueológica dentro dos pressupostos da Arqueologia Espacial, é visto como um ambiente físico delimitado – classificado como micro, semi-micro ou macro, segundo a proposta de David Clarke, ou periferia, semiperiferia e interior do sítio arqueológico, de acordo com a idéia de Binford. Essas abordagens, dentre outras, não só se preocupam em delimitar o espaço a fim de que se possam planejar intervenções arqueológicas futuras, como também dizem respeito à inter-relação entre sítios e entre esses e seu entorno, em maior ou menor escala de abrangência. A Arqueologia Espacial apresenta, dessa forma, possibilidades de escalas espaciais de análise, apontando para uma arqueologia contextual inserida nos pressupostos teórico-metodológicos da *middle-range theory*<sup>194</sup>. Esse enfoque pode levar a uma visão estática do espaço, o que acaba por ser uma alternativa acessível para a prática arqueológica por oferecer modelos concretos para o desenvolvimento de pesquisas.

No presente trabalho, uma idéia fechada de espaço limitaria a pesquisa e deturparia seus objetivos. Uma abordagem fenomenológica se interessa tanto pelo espaço do objeto localizado dentro do sítio quanto pelo espaço somático; se preocupa com a escala espacial não em termos mensuráveis, mas em relação ao fenômeno produzido quando da experiência corporal nesse espaço. Não separa coisa e espaço, corpo e ambiente, pensamento e materialidade, mas entende-os

---

<sup>193</sup> BARCELOS, Artur Henrique Franco. **Espaço e Arqueologia nas Missões Jesuíticas**. O caso de São João Batista. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

<sup>194</sup> BARCELOS, 2000, p. 47.

como indissociáveis e formadores um do outro. Como afirma Merleau-Ponty<sup>195</sup>, “torna-se impossível distinguir rigorosamente o espaço e as coisas no espaço, a pura idéia do espaço e o espetáculo concreto que os nossos sentidos nos dão”.

O fenômeno, como ele ocorre no encontro do indivíduo com suas vivências quotidianas, não é algo pensado cientificamente de antemão; isto é, as sensações produzidas pelo excitação dos sentidos são espontâneas, e somente são assimiladas e racionalmente elaboradas pelos seres humanos após o evento ter ocorrido. Buscando recuperar alguns traços desses fenômenos, a arqueologia, através da fenomenologia, busca levá-los em conta em sua origem e relativa pureza, sem a rigidez científica advinda de uma elaboração mental, pensada e repensada, classificada, mensurada e compartimentada em “caixas de espaços”. Dessa forma, e reforçando as idéias apresentadas anteriormente a respeito da multiplicidade do espaço, tem-se este como “heterogêneo, com direções privilegiadas, que estão em relação com as nossas particularidades corporais e com a nossa situação de seres arrojados no mundo”<sup>196</sup>.

### **3.2 Os espaços e seus lugares: a formação identitária na perspectiva fenomenológica**

O que faz do espaço uma dimensão menos abstrata é o fato de ele ser formado e significado a partir da existência dos lugares, para os quais fornece um contexto situacional. Sem lugares não há como existir espaços, e os primeiros têm

---

<sup>195</sup> MERLEAU-PONTY, Maurice. **Palestras**. Lisboa: Edições 70, 2002, p. 28.

<sup>196</sup> MERLEAU-PONTY, 2002, p. 32.

significação ontológica primordial enquanto centros da atividade corporal aos quais os seres humanos atribuem significado e valor emocional<sup>197</sup>.

A experiência de sentir um lugar, como Basso<sup>198</sup> enfatiza, é, então, uma dinâmica recíproca e incorrigível: como os lugares animam as idéias e sentimentos das pessoas que os freqüentam, estas mesmas idéias e sentimentos animam os lugares para os quais as atenções são voltadas. Em outras palavras, como o lugar é sentido, os sentidos são localizados; e como o lugar faz sentido, os sentidos também fazem o lugar<sup>199</sup>.

O lugar, temporal e histórico, é parte essencial no processo de construção de valores e regras culturais que constituem uma sociedade. Como afirma Casey<sup>200</sup>,

tempo e história, o meio diacrônico da cultura, estão tão profundamente inscritos nos lugares como são inseparáveis deles – tão inseparáveis quanto os corpos que sustentam estes mesmos lugares e carregam a cultura situada neles<sup>201</sup>.

Dessa forma, explorar a materialidade de um determinado lugar é explorar também a formação cultural e identitária de seu povo. Por isso a experiência fenomenológica dos lugares onde se estabeleceram as estâncias no século XIX, em

---

<sup>197</sup> TILLEY, 1994.

<sup>198</sup> BASSO, K. H. "Wisdom Sits in Places. Notes on a Western Apache Landscape" in FELD, S.; BASSO, K. (eds). **Senses of Place**. Santa Fe, New Mexico: School of American Research Press, 1996, p. 55.

<sup>199</sup> FELD, S. "Waterfalls of Song. An Acoustemology of Place Resounding in Bosavi, Papua New Guinea", in FELD, S.; BASSO, K. (eds). **Senses of Place**. Santa Fe, New Mexico: School of American Research Press, 1996, p. 91.

<sup>200</sup> CASEY, E. "How to get from space to place in a fairly short stretch of time: phenomenological prolegomena", in FELD, S.; BASSO, K. (eds). **Senses of Place**. Santa Fe, New Mexico: School of American Research Press, 1996, p. 37.

<sup>201</sup> "Time and history, the diachronic media of culture, are so deeply inscribed in places as to be inseparable from them – as inseparable as the bodies that sustain these same places and carry the culture located in them".



especial da Vista Alegre<sup>202</sup>, constitui-se em uma possibilidade para o entendimento de seus habitantes.

A formação da identidade de uma pessoa ou de um grupo ocorre em diversos níveis – individual e coletivo, dentro de um núcleo familiar e em sociedade, em uma região ou em escala global. Na medida em que a ação individual ou social torna-se mais abrangente, abarca uma diversidade maior de experiências de lugares. Como essas experiências acabam por formar identidades pessoais ou de grupo, a recuperação das mesmas por meio da fenomenologia é dada em uma escala proporcional ao enfoque da pesquisa. Em outras palavras, a experiência fenomenológica, sempre ligada ao lugar, pode se limitar a um lugar específico ou abranger uma série de lugares, dependendo do propósito da investigação. Se a intenção é compreender um núcleo familiar, o lugar a ser estudado pode ser a casa. Se o propósito é investigar a sociedade e as relações dos indivíduos que a compõem, os lugares a serem experienciados vão desde os de domínio público, como caminhos, coxilhas e vegetações, até os ambientes onde a vida privada se desenvolve.

Na presente pesquisa, que busca interpretar a sociedade estancieira por meio da cultura material através do enfoque fenomenológico, um lugar chave para ser estudado é a sede da estância. Isso porque a sede, como exposto anteriormente, é composta de elementos arquitetônicos que representam, em uma escala mais restrita, o padrão de organização da sociedade em meio ao contexto estancieiro. Nesse sentido, a estância Vista Alegre é uma fonte singular para o estudo aqui proposto na medida em que possibilita compreender as limitações que suas formas

---

<sup>202</sup> O destaque conferido à Vista Alegre como sítio arqueológico para o desenvolvimento da pesquisa fenomenológica justifica-se pelo fato de existir nesta propriedade a casa-sede, a senzala e o galpão, unidades básicas de análise dentro do estudo aqui proposto.

materiais – em especial as moradias – conferiam às pessoas que com elas interagiam. Essa limitação imposta pela materialidade ao corpo é um elemento importante na formação identitária de indivíduos e grupos sociais. Na medida em que essa imposição pode ser considerada um mecanismo de disciplina social, seu estudo torna-se relevante para o entendimento da sociedade estancieira oitocentista.

### **3.3 Fenomenologia da paisagem**

Experienciar quotidianamente determinada materialidade na amplitude da dimensão em que essa experiência ocorre envolvendo tato, olfato, visão, paladar e audição, gera no indivíduo estruturas cognitivas que lhe permitem atuar no mundo sem que haja um planejamento prévio para a sua ação. Essas estruturas, formadas ao longo da singularidade de cada vivência do ser humano, são em grande medida o resultado da interação do corpo com a materialidade. São, dessa forma, um produto cultural que é naturalizado pelas pessoas na sua interação com o mundo material em que se inserem. Na formação dessa estrutura particular de cada indivíduo não há espaço para divisão entre natureza e cultura. Há espaço somente para a experiência do mundo material: para árvores e carros, para animais e flores, para pessoas e músicas, para cheiros e dores. Há espaço para sensações localizadas, mas não compartimentadas.

Ao sofrer a experiência de um lugar as pessoas não o fazem acessando formas específicas de interação com a natureza ou com a cultura. Sentar à sombra de uma árvore envolve sentir esse lugar fisicamente em sua totalidade, não importando o que há de cultural ou de natural nessa ação, uma vez que o corpo

humano não faz a distinção entre natureza e cultura ao atuar no mundo. Essa divisão é feita pelo próprio ser humano a partir de sua subjetividade. Perceber natureza e cultura como instâncias opostas não é uma idéia inata ao ser humano, mas é uma construção social verificada especialmente no pensamento ocidental.

Uma visão que supera o dualismo natureza/cultura vem sendo discutida dentro do Pós-Processualismo por estudiosos da cultura material que têm como foco de suas pesquisas a paisagem. O primeiro ponto a considerar, dentro de uma variedade de enfoques propostos por geógrafos, antropólogos, historiadores, arqueólogos, entre outros estudiosos da cultura material, é a dinâmica da paisagem.

A ligação original do conceito de paisagem ao campo das artes fez com que seu significado fosse associado a algo imóvel, como um bosque representado numa tela. A paisagem seria algo dado, estático e estável. Objetivo, portanto. Por essa visão, comum ao pensamento ocidental contemporâneo, a paisagem é comumente relacionada à superfície da terra, podendo ser medida, descrita e desenhada<sup>203</sup>. Na perspectiva fenomenológica a paisagem que era somente objeto de contemplação deu lugar a uma paisagem contestada, trabalhada, constantemente alterada física e emocionalmente, considerada em sua interação com os seres humanos de acordo com circunstâncias individuais, sociais e políticas. A paisagem, por esse enfoque, está sempre em processo, sempre sendo e se tornando.

O conceito compartilhado pela presente pesquisa é o proposto por Christopher Tilley em *A Phenomenology of Landscape*<sup>204</sup>, que rejeita uma noção de paisagem enquanto unicamente uma representação mental e cognitiva, ou enquanto elemento para mera contemplação. O termo paisagem se refere à forma física e

---

<sup>203</sup> KÜCHLER, Susanne. "Landscape as memory: the mapping of process and its representation in a Melanesian society" in Bender, B. (ed), **Landscape – politics and perspectives**. Oxford: Berg, 1995, p. 85.

<sup>204</sup> 1994. Obra citada.

visual da terra, à sua aparência, que pode ser descrita em termos de topografia, contornos de rios, solo, vegetação, etc., mas também diz respeito às criações humanas, como monumentos e povoados. Dentro de uma paisagem as características geográficas ou humanamente criadas que recebem algum atributo qualitativo por parte de um indivíduo ou mesmo de uma sociedade dão origem aos locais. Estes possuem significado cultural e simbólico em meio a uma paisagem, o que a faz mais do que um objeto para simples contemplação, descrição e representação<sup>205</sup>. Em estudos sobre a cultura material a paisagem não deve ser um fim em si mesma, mas um meio para a compreensão das sociedades.

Compreender a paisagem mais pela relação que se estabelece entre a mesma e os seres humanos do que pela definição exata e estática do seu conceito revela uma posição teórica que não compartimenta a realidade em categorias conceituais imutáveis e não compartilha da visão dual cartesiana.

As paisagens se recusam a serem disciplinadas. Invocando tempo e espaço, passado e presente, estando sempre em processo e tensão, [os estudos da paisagem] ridicularizam as oposições por nós criadas entre tempo (história) e espaço (geografia), ou entre natureza (ciência) e cultura (antropologia)<sup>206</sup>.

Para fins didáticos a paisagem pode ser conceituada de diferentes formas. Mas estes conceitos, construções sociais, devem ser tidos como múltiplas faces de um mesmo todo, uma vez que o entendimento da paisagem, como tido nesse estudo, passa pela aceitação de que a mesma envolve desordem. As teorias sobre a paisagem, como Barbara Bender afirma, deveriam abarcar ambigüidade e

---

<sup>205</sup> Uma reflexão consistente a esse respeito é encontrada especialmente no capítulo *Space, Place, Landscape and Perception: phenomenological perspectives* na referida obra de Christopher Tilley, *A Phenomenology of Landscape* (1994).

<sup>206</sup> BENDER, Barbara. "Place and Landscape" in TILLEY, C.; KEANE, W.; KÜCHLER, S.; ROWLANDS, M; SPYER, P. (eds.), **Handbook of Material Culture**. London: SAGE, 2006, p. 304.

contradição, evitar conclusões, reconhecer que pessoas, coisas e lugares estão sempre em processo, e que os limites entre eles são permeáveis e imbricados<sup>207</sup>.

A concepção dinâmica da paisagem problematizou também sua representação gráfica. Não que a tenha negado, mas admite que ela não é suficiente. Como Johnson afirma, começa a fazer menos sentido pensar nos sítios como um número limitado de pontos em um mapa, e muito mais sentido pensar em uma paisagem inteira<sup>208</sup>. Uma planta baixa, uma carta geográfica, percebida pelo olhar de uma só vez, a um só lance, gera um conhecimento espacial abstrato dos lugares e paisagens.

Segundo Tilley, essa postura de produzir trabalhos sobre a paisagem a partir de uma escrivadinha e não da própria paisagem acaba por gerar paisagens-papel, perspectivas-papel, estudos baseados em representações visuais e não em experiências corporais, os quais produzem modelos abstratos sobre o pensar as paisagens em vez de modelos *das* paisagens como elas são vivenciadas pelos sentidos humanos<sup>209</sup>. A superação desse modelo unicamente abstrato da paisagem pode ser empreendida através da fenomenologia. É necessário, portanto, como afirma Tilley, que se esteja em algum ponto dentro da paisagem que se estuda, o que pode ser alcançado de maneira mais eficaz através do enfoque fenomenológico: explorando o mundo através do corpo o pesquisador familiariza-se com as paisagens e os lugares que busca compreender<sup>210</sup>. Dentro dessa idéia é que a presente pesquisa é apresentada, indo além da arqueologia que reduz a sociedade a números, tamanhos e formas, na medida em que propõe compreender os grupos

---

<sup>207</sup> BENDER, 2006, p. 310.

<sup>208</sup> JOHNSON, Matthew. "Thinking about Landscape", in RENFREW, C.; BAHN, P. **Archaeology**. The key concepts. London: Routledge, 2005, p. 156.

<sup>209</sup> TILLEY, 2004c, p. 27-28.

<sup>210</sup> TILLEY, Christopher. "Round Barrows and Dykes as Landscape Metaphors" in **Cambridge Archaeological Journal** 14:2. United Kingdom: McDonald Institute for Archaeological Research, 2004b, p. 185.

humanos do passado por meio da experiência corporal na paisagem em estudo. Por meio da fenomenologia, em outras palavras.

### **3.4 O corpo humano, a experiência da materialidade e os estudos sobre a cultura material.**

Em sua vivência cotidiana os seres humanos estão em contato contínuo com as formas materiais, sofrendo a experiência da materialidade que os cerca à medida que seus sentidos são estimulados. A audição, o tato, o olfato, o paladar e a visão constituem-se, desse modo, nos canais de comunicação que possibilitam a internalização do mundo extra-corpóreo. Esses canais comunicam os princípios do grupo no qual o indivíduo se insere, seja no nível familiar, seja no nível mais amplo da sociedade. Cabe lembrar que essa influência não é unidirecional, uma vez que os seres humanos também influenciam o mundo ao seu redor, externalizando o que faz parte de seu universo interior. Esses dois processos são denominados, de acordo com as idéias de Pierre Bourdieu, de *incorporação* e *objetificação*<sup>211</sup>.

Como criações sociais, as formas arquitetônicas são instrumentos que direcionam os seres humanos para uma atuação no mundo de acordo com a lógica do grupo ou indivíduo que as criou. Na interação cotidiana essas formas contribuem para sugerir ou mesmo impor aos seres humanos modos de pensar e de agir de acordo com a estrutura social na qual se inserem. O processo de socialização é então direcionado de acordo com um conjunto de regras e valores objetificados na materialidade.

---

<sup>211</sup> BOURDIEU, Pierre. **Outline of a Theory of Practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977, p. 72.

Situando essas experiências interativas dentro do contexto da estância Vista Alegre, percebe-se que a disposição das formas arquitetônicas em sua sede objetifica a estrutura social de que faziam parte seus habitantes. No processo cotidiano de interação entre as pessoas que viviam na estância, e entre essas e o espaço arquitetônico, as regras sociais objetificadas na materialidade das construções acabavam por ser incorporadas pelos indivíduos. Estes respondiam a essa dada materialidade de forma objetiva, mesmo que por vezes a partir de uma motivação subjetiva. Nessa dialética internalização/externalização eram formadas identidades individuais e coletivas que, embora nem sempre tomadas conscientemente pelas pessoas, estavam de algum modo presentes em suas relações com o mundo exterior.

Essa manifestação inconsciente da identidade cultural estruturada nos seres humanos ao longo de suas vidas é denominada *habitus*. O *habitus* pode ser caracterizado, segundo Pierre Bourdieu, como história tornada natureza<sup>212</sup>. Esse conceito pode ser entendido como a intervenção humana no mundo, através de pensamentos e de ações não premeditados, a qual é dada de acordo com a experiência particular de vida adquirida pelo indivíduo até o momento em que se dá essa intervenção. Embora objetivamente o *habitus* se apresente como uma estratégia de atuação, ele não é produto de uma intenção estratégica previamente elaborada. O *habitus* é um sistema socialmente constituído de estruturas cognitivas e motivacionais, mais profundas do que o que sustenta o simples interesse. Ter interesse e manifestá-lo é uma forma de exteriorizar um pensamento planejado, enquanto que o *habitus* não envolve planejamento prévio, caracterizando-se como

---

<sup>212</sup> BOURDIEU, 1977, p. 78.

uma atitude que aparenta ser natural ao ser humano, mas que foi socialmente construída no decorrer de sua existência.

Dentro de uma coletividade, como a do grupo que habitava a estância Vista Alegre, a história compartilhada pelos indivíduos gera entre seus componentes um tipo de comportamento semelhante. Certas atitudes, vocabulário, tom de voz para cada situação, caracterizam as pessoas que convivem dentro de um mesmo contexto, identificando-as com o mesmo. Esse conjunto de características é reproduzido no dia-a-dia, configurando o *habitus* de um grupo social. A manifestação do *habitus*, assim, pode ser considerada como a projeção, nas relações sociais, da estrutura do ser humano. Essa estrutura possibilita que dentro de um contexto específico sejam dadas certas respostas “naturais” a determinados estímulos. Mesmo que essas respostas possam variar de pessoa para pessoa, elas estarão dentro de uma gama de possibilidades geradas a partir da vivência individual passada – a partir da história, portanto. Essa resposta é o *habitus*, que constitui a estrutura social e cognitiva das pessoas. Esses princípios estruturantes não são fixos e invariáveis, mas se caracterizam como improvisações que seguem uma determinada lógica.

Através do *habitus* a estrutura cultural que o produziu conduz a prática, não de forma determinista, mas por meio da orientação que ela mesma sugeriu no processo em que o *habitus* foi gerado. Por meio do *habitus*, portanto, estruturas culturais (em seu aspecto social, legal, moral, religioso, etc.) são reproduzidas. Ao serem manifestadas, essas estruturas recebem novos elementos culturais, o que provoca sua modificação. Assim como a história e a cultura não são estáticas, o *habitus* também não é.



Compreender o modo como o *habitus* é formado e manifestado em meio a uma sociedade possibilita uma melhor compreensão das identidades geradas na e pela mesma. Possibilita também um maior entendimento dos processos que levam à internalização das regras sociais, incorporadas pelos indivíduos em seu contato com os elementos materiais que objetificam essas regras, e à manifestação das mesmas no nível exterior, dada por meio do *habitus* e da objetificação. Uma vez que esses processos são desencadeados antes mesmo do ser humano ter desenvolvido pensamento abstrato ou teórico, o papel das formas arquitetônicas como disciplinadoras sociais é bastante significativo.

Mesmo que as pessoas não sejam passíveis em meio às formas materiais, é inegável que o conjunto arquitetônico das sedes das estâncias constituía-se em um meio de preservação da hierarquia social. Essa hierarquia, manifestada na arquitetura, acabava por influenciar as formas de interação entre as pessoas e a materialidade, fazendo com que os indivíduos desencadeassem rotinas de movimento corporal para viver em meio à sede. Desse modo, a experiência corporal das pessoas nesses lugares, onde se localizavam suas moradias e onde se desenvolvia parte da rotina diária, contribuía para estruturar seus pensamentos. Estes, ao conduzir a ação humana, acabavam por interferir no mundo físico, gerando, assim, novos pensamentos nos seres humanos que o tinham modificado. É um ciclo contínuo no qual criador e criatura se confundem e influenciam um ao outro. O pensamento toma forma física e também acaba por originar, como uma extensão da mente humana, a cultura material<sup>213</sup>. Esta, por sua vez, ao atuar fisicamente no mundo, aguça os sentidos – visão, audição, paladar, tato, olfato – e internaliza esse mundo exterior ao nível particular de cada ser humano.

---

<sup>213</sup> É válido ressaltar que aqui o conceito de cultura material não se restringe somente ao que é criado pelo ser humano.

O corpo vivo, como afirma Tilley<sup>214</sup>, nada mais é do que uma combinação dinâmica entre sujeito e objeto. Portanto, pode-se dizer que é impossível ser puramente objetivo ou puramente subjetivo, na medida em que a experiência e conhecimento do mundo resultam desses dois níveis. Nesse processo dialético de interação entre pessoas e coisas, idéia que dá base à fenomenologia, o mundo exterior e o universo interior se tornam tão intrinsecamente ligados e interdependentes que já não é mais possível falar em sujeito e objeto de modo isolado. O pensamento humano ocupa lugares no mundo físico da mesma forma que as formas concretas têm lugar na mente. Um existe sem o outro, mas somente enquanto não se entrecruzam. No exato momento em que uma dada paisagem ou um dado objeto é percebido por um indivíduo a personificação das formas materiais e a objetificação do pensamento tomam seu lugar, dando forma e sentido a um mundo que é particular a quem o percebe. O mundo percebido é, portanto, o mundo real de cada indivíduo. Como afirma Merleau-Ponty, “não é preciso perguntar-se se nós percebemos o mundo, é preciso dizer, ao contrário: o mundo é aquilo que nós percebemos”<sup>215</sup>. A ignorância é o que separa o irreal do real, o mundo fictício do mundo verdadeiro, e cada ser humano tem o seu próprio mundo, já que o percebe de uma forma particular. Dessa visão decorre um universo que se restringe à existência individual de cada ser humano: o que está fora do alcance físico ou imaginário de uma pessoa, o que ela ignora, não possui significado algum para a mesma, e por isso não pode ser considerado parte do seu mundo. Portanto o mundo não é somente quantificável e mensurável, mas é também sensível, sente e faz sentir.

---

<sup>214</sup> TILLEY, Christopher. **The Materiality of Stone**. Explorations in landscape phenomenology. Oxford/New York: Berg, 2004c, p. 3.

<sup>215</sup> MERLEAU-PONTY, 1999, p. 13-14.

Trazendo esse pensamento para o estudo das formas materiais busca-se romper com o modo de fazer arqueologia exclusivamente através de números, tamanhos e formas e propõe-se, a partir das idéias da fenomenologia, uma pesquisa que tem nas experiências sensoriais um método para compreender as sociedades passadas.

#### Nas palavras de Merleau-Ponty, fenomenologia

é a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, sem nenhuma deferência à sua gênese psicológica e às explicações causais que o cientista, o historiador ou o sociólogo dela possam fornecer<sup>216</sup>.

O objetivo da fenomenologia, portanto, não é explicar o mundo em termos de causalidade física, de eventos históricos ou disposições psicológicas, mas descrever esse mundo, o mais precisamente possível, da maneira como os seres humanos o experienciam<sup>217</sup>. Vendo, ouvindo, sentindo o mundo que busca entender, o pesquisador de hoje se aproxima das sociedades do passado na medida em que dá chances, por meio da experiência corporal, de que sensações físicas vivenciadas por esses grupos sejam reproduzidas. Se o mundo real é o mundo percebido, a busca, por parte do pesquisador, de se aproximar das sociedades passadas por meio da percepção do universo material do qual faziam parte é justificada. Não se trata de perceber pela visão dos outros, mas de buscar, através do contato físico com o meio com o qual os grupos humanos do passado interagiram, as experiências sensoriais que os seres humanos, em um sentido geral, são capazes de sofrer. Isso porque o corpo humano é, basicamente, igual. Desse modo, o contato direto com as estâncias que fazem parte deste estudo é essencial para a compreensão do

---

<sup>216</sup> MERLEAU-PONTY, 1999, p. 1-2.

<sup>217</sup> TILLEY, 2004c, p. 1.

passado por meio das sensações provocadas pelo *estar no lugar* e pelo *sentir o lugar*, em termos físicos.

Aplicada a estudos arqueológicos, a fenomenologia parte do princípio de que as qualidades sensoriais do corpo humano provêm o aparato necessário para que as mesmas formas materiais sejam fisicamente experienciadas de modo semelhante por todos os seres humanos, no passado ou no presente.

A visão fenomenológica considera que a maneira como os indivíduos percebem o mundo está intimamente ligada com os tipos de corpos que todos têm e, basicamente, compartilham<sup>218</sup>. Uma vez que os seres humanos modernos, *Homo sapiens sapiens*, compartilham o mesmo nível biológico, sua experiência corporal será similar. Em outras palavras, os seres humanos de hoje têm a capacidade de sentir o mundo da mesma forma que seus antepassados o faziam, uma vez que, de um modo geral, são dotados dos mesmos cinco sentidos – tato, olfato, paladar, visão e audição. Os impactos psicológicos gerados pelo contato com o mundo material são particulares, individuais, e não podem ser reproduzidos, mas o modo como as formas materiais ativam os sentidos é praticamente a mesma. Disso decorre que o mundo material remanescente do passado (paisagens, objetos, lugares, construções, etc.) pode reproduzir hoje as mesmas sensações físicas que foram vivenciadas por comunidades de outrora. Mesmo que essa reprodução não seja exata, ela é mais uma possibilidade que aproxima os pesquisadores de hoje das sociedades do passado.

Sentir a materialidade e desenvolver técnicas corporais de interação com a mesma não é somente de uma questão de tocar ou evitar tocar as coisas; mais do

---

<sup>218</sup> TILLEY, Christopher. "Mind and Body in Landscape Research", in **Cambridge Archaeological Journal** 14:1. United Kingdom: McDonald Institute for Archaeological Research, 2004a, p. 79.

que isso, o mundo material é um componente forte no processo de direcionamento da estrutura mental, do comportamento, das relações humanas, da vida, por conseguinte.

A existência pessoal e a existência social estão intimamente ligadas às formas físicas que demarcam a conduta corporal humana. A partir de diferentes experiências corporais são criadas diferentes noções de espaços somáticos, desenvolvendo-se também noções distintas de espaços perceptuais e existenciais. Como as construções têm um papel crucial na criação, produção e reprodução do espaço existencial e, conseqüentemente, do espaço perceptual, as diferenças entre as formas arquitetônicas resultam em noções diferentes de identidade individual e coletiva. Considerando a sociedade estancieira do Noroeste rio-grandense por meio das formas arquitetônicas é possível afirmar que o padrão de distribuição dessas formas nas sedes pode ser interpretado como a objetificação da lógica de pensamento de um grupo social que se percebia como superior perante os demais. Uma análise da disposição das construções revela que o uso de determinados lugares estava associado à organização da sociedade estancieira e à conseqüente relação entre os indivíduos.

## **4 ESPAÇO ARQUITETÔNICO, EXPERIÊNCIA CORPORAL E SOCIEDADE ESTANCIEIRA**

Dentro da região considerada no presente estudo, as sedes das estâncias possuíam uma organização bastante semelhante. A disposição das moradias seguia um padrão no qual a casa-sede ocupava sempre um ponto de destaque perante as demais edificações, localizando-se comumente no centro da sede, tendo a sua volta o galpão e a senzala, ou estando posicionada de modo a parecer projetada em meio às outras construções. Esse modelo, embora não fosse regra, é encontrado repetidamente, com pequenas variações, não somente no Noroeste do Rio Grande do Sul como também em outras áreas, como Luccas<sup>219</sup> evidenciou em seu trabalho sobre a arquitetura pecuária gaúcha. Nesse sentido, o presente capítulo propõe algumas interpretações a respeito da organização do espaço arquitetônico estancieiro a partir de teorias que relacionam a formação identitária do ser humano a sua interação corporal com a materialidade.

### **4.1 Conjunto arquitetônico e hierarquia social: interpretações sobre a disposição das sedes**

É pelo corpo que o mundo é sentido e é também através do corpo que as sensações são expressas. De acordo com Merleau-Ponty<sup>220</sup> o corpo vivo é, ao

---

<sup>219</sup> Trata-se de sua dissertação de mestrado, já referida anteriormente, **Estâncias e Fazendas: Arquitetura e Pecuária no Rio Grande do Sul.**

<sup>220</sup> MERLEAU-PONTY, 1999.

mesmo tempo, sujeito e objeto, constituindo-se na própria consciência humana, na medida em que ela é formada a partir do contato físico com o mundo. Dessa forma, pode-se dizer que a consciência é corporal, que a subjetividade humana está intimamente relacionada com a atuação objetiva do indivíduo no mundo. Por isso o estudo das sociedades por meio das formas arquitetônicas é relevante: em uma dada materialidade o ser humano desenvolve esquemas corporais que lhe permitem interagir dentro da mesma. Essa atuação no mundo, dada através do corpo, gera uma consciência corporal e uma subjetividade específicas, originadas na interação do ser humano com as formas materiais. Desse modo, estudar as formas materiais da sede de uma estância permite apreender certas rotinas corporais que foram desenvolvidas pelos seres humanos ao interagirem com esses ambientes específicos.

O aparato físico do corpo acaba por impor um esquema ao espaço através do qual ele pode ser experienciado e entendido, criando rotinas de movimento que tornam as pessoas conscientes de si mesmas e de seu mundo. Em pesquisas sobre a cultura material essa visão fenomenológica requer uma concepção teórica que ultrapasse a dicotomia característica dos estudos estruturalistas. O que o estruturalismo considera como opostos, a fenomenologia considera como complementares. Aplicado a pesquisas sobre a cultura material o estruturalismo acabou por não somente separar sujeito e objeto, como também por considerá-los antagônicos. Conforme essa visão as coisas somente adquiririam algum significado através da ação humana. Os objetos, portanto, seriam passivos. De acordo com esse pensamento, o objeto tão somente refletiria a estrutura da sociedade que o criou e consumiu, não podendo ser caracterizado como um agente transformador.

A superação desse dualismo não implica em negá-lo, mas em entendê-lo como uma construção social, e não como uma característica inerente ao ser humano, como propõe o estruturalismo. Para a fenomenologia a percepção dicotômica de mundo é baseada na bilateralidade corporal, sendo desenvolvida justamente pela atuação dos seres humanos no mundo, o que se dá por meio do corpo. As oposições seriam o resultado de uma interação do corpo com a materialidade pautada pelos padrões da cultura ocidental, e, por isso, ausentes no pensamento de outras culturas que interagem de modo diverso com as formas materiais.

Se é o corpo que faz a ligação entre os mundos interno e externo, é compreensível que o pensamento e as ações dos seres humanos sejam formados e conduzidos pela bilateralidade. Afinal, o corpo é bilateral, do que decorre que as formas de interagir com o mundo podem ser resumidas a conceitos binários expressos em, basicamente, seis dimensões concretas: cima/baixo (ou acima/abaixo); esquerda/direita; e na frente/atrás<sup>221</sup>. Essas dimensões acabam por ser assimiladas pelas pessoas e posteriormente projetadas nos relacionamentos. Disso decorrem outras associações, também bilaterais, que norteiam a existência humana.

Essas associações são expressas, por exemplo, em dualismos como frio e calor, claro e escuro, positivo e negativo, bom e ruim, bem e mal, dia e noite, e assim por diante. Interessante é notar que essas noções, nas sociedades ocidentais, em um sentido geral, estão ligadas a cima/frente/direita (positivo, bom, calor, etc.) e baixo/trás/esquerda (triste, frio, negativo, mal, etc.). Termos meramente relacionados à posição física das coisas em relação ao corpo acabam por codificar conceitos

---

<sup>221</sup> TILLEY, 2004c, p. 4.



carregados de valor moral, conceitos que revelam idéias de superioridade e inferioridade, como cima e baixo, por exemplo.

Assim como ocorre com as pessoas, pode-se dizer que também as coisas possuem o lado da frente e o lado de trás (carros, casas, jardins, livros)<sup>222</sup>, uma atribuição que lhes é dada pelos próprios indivíduos que com elas interagem. Desse modo, os lados de um lugar também têm implicações sociais e morais: a parte de trás é geralmente associada à impulsividade, ao comportamento moralmente incorreto, enquanto que o lado da frente é positivamente avaliado e colocado à mostra. Quando essa lógica é transposta para a organização de um conjunto arquitetônico, tem-se um modelo de organização dual.

Outra forma de pensamento dualista advindo da experiência corporal no mundo pode ser verificada em relação a centro e periferia. De acordo com a lógica formada pela noção que o corpo dá ao ser humano pode-se afirmar que partindo do centro para a periferia há um decréscimo de dignidade e poder, o que é caracterizado como um modelo sociocêntrico. Esse termo foi proposto por Tilley<sup>223</sup> para fazer referência a uma concepção egocêntrica de mundo. Sendo o corpo o centro, é a partir dele que o mundo é valorado. Disso decorre a criação de um espaço arquitetônico no qual o centro é ocupado pelo componente de maior valor, sendo que a partir dele, em direção à periferia, são estabelecidos os elementos de menor valor (dentro da lógica de quem idealiza essa organização).

A análise das sedes das estâncias localizadas na região de Cruz Alta possibilita uma interpretação que aponta tanto para o modelo sociocêntrico quanto

---

<sup>222</sup> TILLEY, 2004c, p. 7.

<sup>223</sup> TILLEY, 2004c.

para o modelo dual. Para chegar a essa interpretação foram analisadas as disposições das moradias

das sete sedes onde foram realizados trabalhos de campo, bem como a pesquisa empreendida pelo arquiteto Nery Silva, que disponibilizou em seu livro *Arquitetura Rural do Planalto Médio*<sup>224</sup> plantas-baixas de algumas das sedes das propriedades em que realizou sua pesquisa. Um especial destaque será dado à sede da estância Vista Alegre, por ser a única que preserva as moradias que compunham o conjunto arquitetônico básico das sedes das estâncias.

#### Fazenda Monte Alvão

Na figura 41 é demonstrado o desenho da implantação<sup>225</sup> da Fazenda Monte Alvão, localizada no município de Santo Ângelo. A partir de levantamentos junto a fontes primárias, Nery Silva<sup>226</sup> procurou reproduzir graficamente a implantação original da sede desta propriedade, sem considerar as recentes reformas que interferiram significativamente na disposição e nas formas do conjunto arquitetônico da fazenda. O arquiteto informa que não foi possível identificar na atual fazenda onde se localizavam o galinheiro, o chiqueiro, a atafona e o alambique, elementos construtivos citados no inventário de seu antigo proprietário, datado de 1879.

Pelo desenho percebe-se que a casa do estancieiro estava localizada à frente das demais construções. Se comparada à casa dos peões e ao quarto das empregadas, a casa-sede não se destacava apenas pelo tamanho, mas também por estar em um ponto estratégico dentro do sítio, com as construções satélites localizadas ao seu redor e para trás. A implantação da sede da Fazenda Monte

---

<sup>224</sup> 2004. Obra citada.

<sup>225</sup> *Implantação* é o termo utilizado, em arquitetura, para designar a distribuição dos edifícios em uma determinada área ou local.

<sup>226</sup> SILVA, 2004, p. 167-175.

Alvão pode ser interpretada como uma forma de organização que combina as lógicas sociocêntrica e dual, em que há um decréscimo de poder e *status* a partir do centro e da frente, área ocupada pela casa-sede.

Implantação da  
Fazenda do Monte  
Alvão.  
Fonte: Desenho do autor.

- Programa de necessidades:
- 1 - Fogo de chão;
  - 2 - Pomar/horta;
  - 3 - Estábulo;
  - 4 - Sede da fazenda (1862);
  - 5 - Galpão principal;
  - 6 - Quarto das empregadas
  - 7 - Mangueira pequena;
  - 8 - Mangueira grande;
  - 9 - Casa dos peões;
  - 10 - Caramanchão;
  - 11 - Casa de forno;
  - 12 - Poço;
  - 13 - Capela.

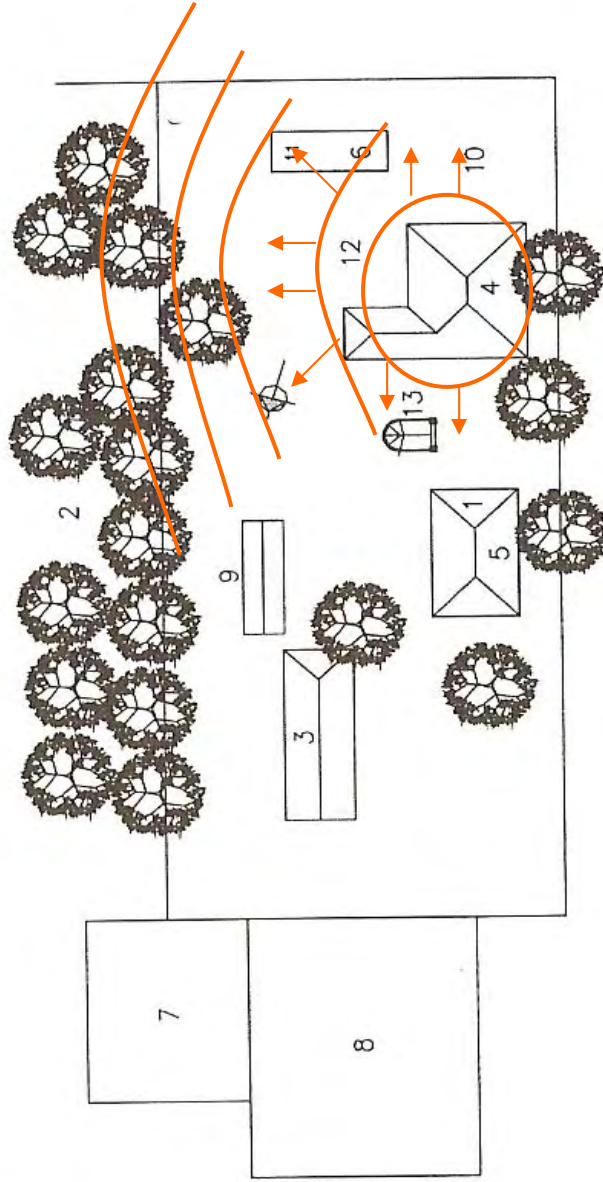


Figura 41: A partir da casa do estancieiro são posicionadas as demais construções que compõem o conjunto arquitetônico da sede da Fazenda Monte Alvão. A implantação dessa sede demonstra um modelo hierárquico de espaço arquitetônico. Fonte: SILVA, 2004, p. 174, com adequação da autora (em cores).

### Fazenda do Cadeado

Um outro exemplo de espaço arquitetônico que pode ser considerado um modelo hierárquico de implantação da sede é encontrado na Fazenda do Cadeado, no atual município de Boa Vista do Cadeado. Segundo o arquiteto Nery Silva<sup>227</sup>, esta propriedade, erigida em 1836, possuía, lado a lado na mesma edificação, moradia, estábulo e comércio (com a moradia no centro da construção). Essa construção, da qual fazia parte a casa do estancieiro, apresentava-se como o volume principal da sede da estância. Embora não haja identificação de construções como senzalas ou moradia de peões, o desenho da implantação da Fazenda do Cadeado, feito por Nery Silva, apresenta cozinha suja e galpão de madeira, edificações que, na época, poderiam abrigar tanto trabalhadores livres quanto escravizados.

A disposição do conjunto arquitetônico da sede da Fazenda do Cadeado (figura 42) pode ser interpretada como um modelo dual, em que a distribuição das formas arquitetônicas dá-se a partir da casa-sede para trás, demonstrando hierarquia – o que está na frente, exposto, é mais valorado do que o que se encontra nos fundos da sede.

---

<sup>227</sup> SILVA, 2004, p. 161-167.

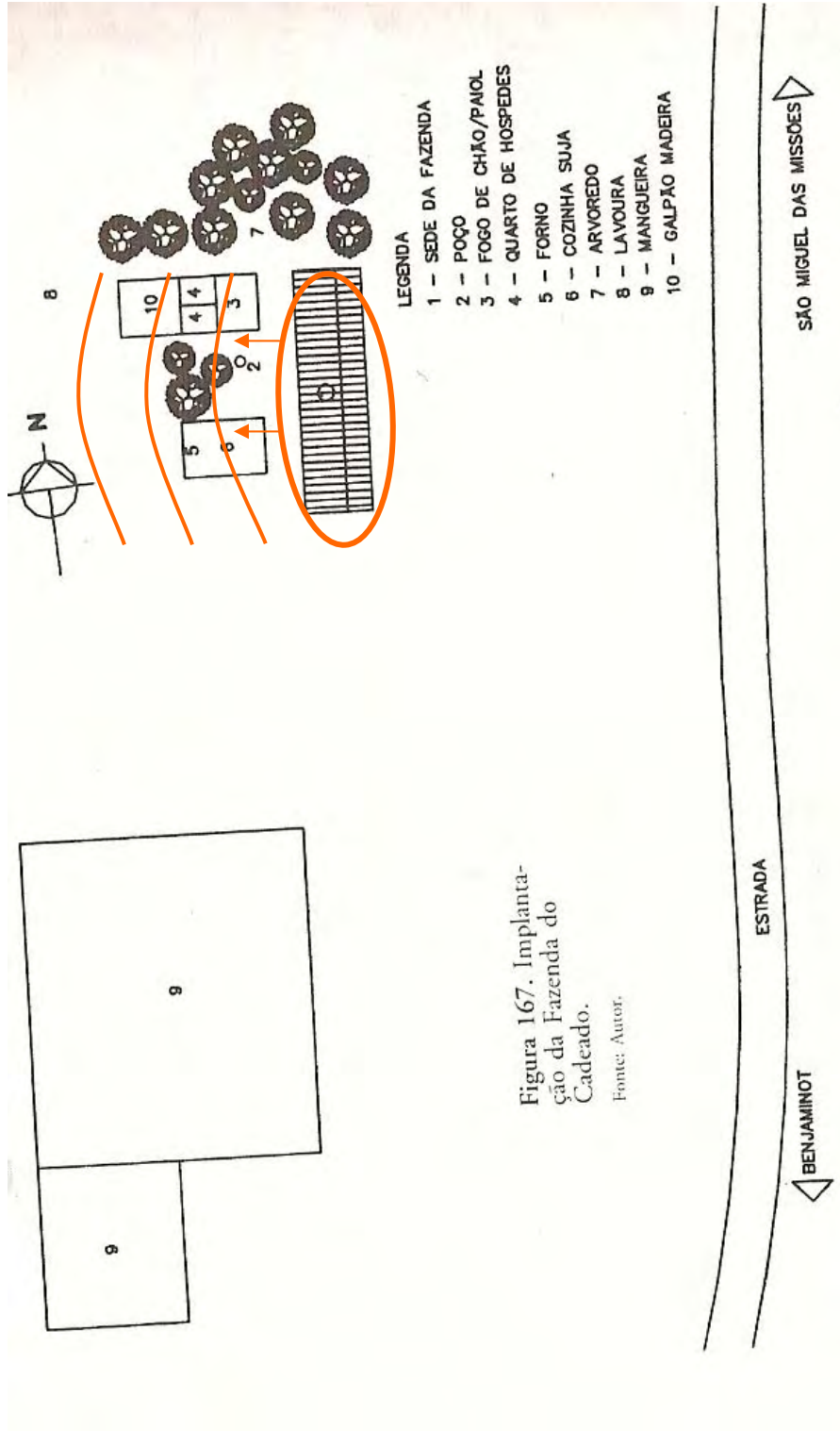


Figura 167. Implantação da Fazenda do Cadeado.  
Fonte: Autor.

Figura 42: Implantação da Fazenda do Cadeado, de 1836. A noção de hierarquia é dada pela disposição das formas arquitetônicas conforme um modelo de organização dual. Fonte: SILVA, 2004, p. 164, com adequação da autora (em cores).

## Fazenda do Sobrado

Também no Noroeste do Rio Grande do Sul a Fazenda do Sobrado, no atual município de Bossoroca, apresenta uma sede em que as construções, especialmente as moradias, localizam-se em pontos que, tomando a casa-sede como referência, estão distribuídos atrás da mesma.

Vale chamar a atenção, nessa sede, para a construção que servia como senzala, que já se encontrava no local antes da então estância do Sobrado ser erigida, em 1840. Mesmo não tendo sido planejada para compor a estância, essa edificação parece plenamente incorporada ao conjunto arquitetônico da sede, não destoando dos padrões comumente identificados nas estâncias do período.

Na sede da atual Fazenda do Sobrado, mais uma vez a lógica de organização do espaço arquitetônico segue uma orientação que pode ser considerada como exemplo de modelo hierárquico, caracterizado pela lógica dual. Como a figura 43 mostra, a senzala e os galpões estavam localizados atrás da casa-sede.

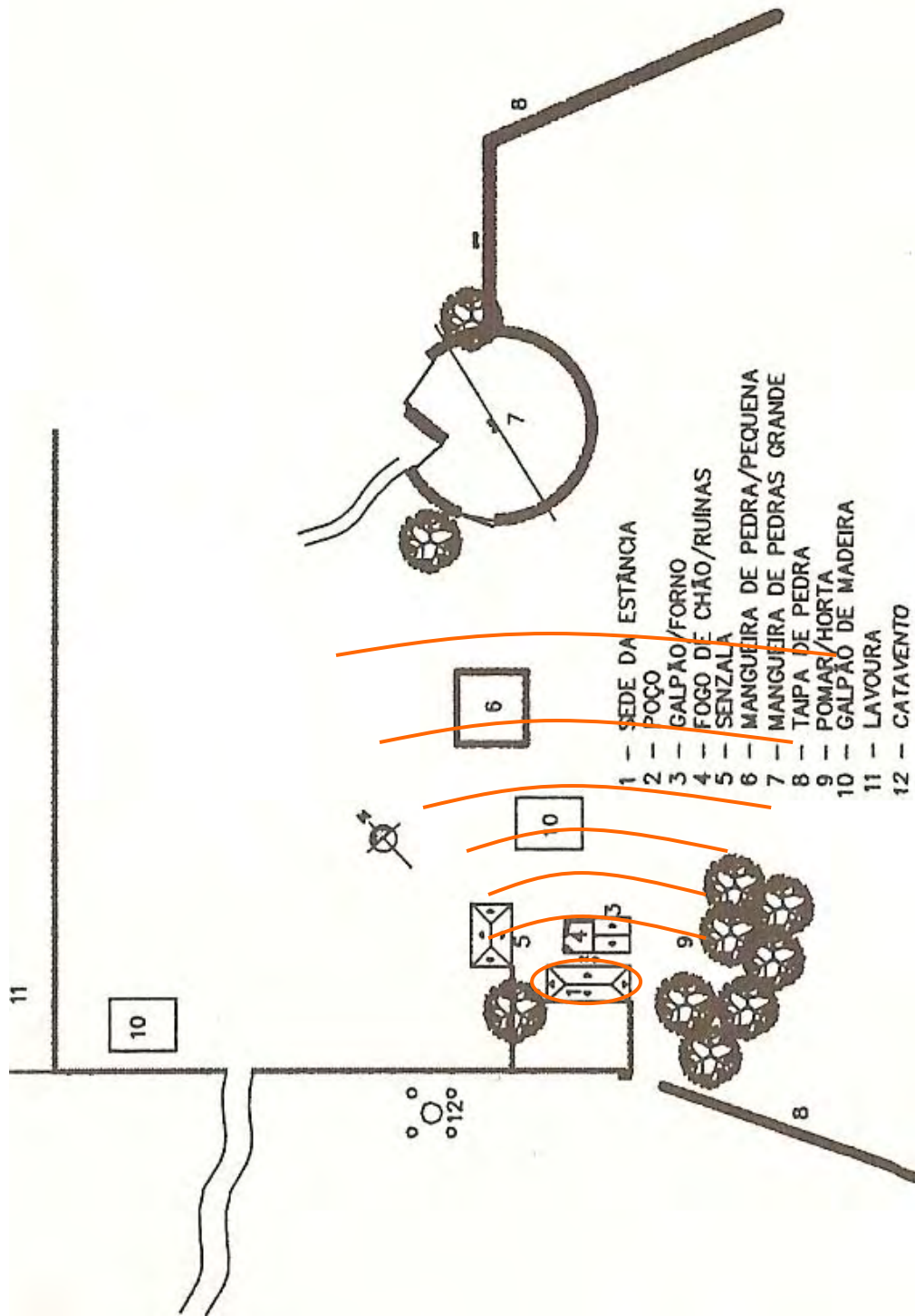


Figura 43: Implantação da Fazenda do Sobrado, de 1840, em que a lógica dual cria a noção de hierarquia dentro do espaço da sede. Fonte: SILVA, 2004, p. 148, com adequação da autora (em cores).



### Fazenda das Brancas

Ainda na região de Cruz Alta, a Fazenda das Brancas, erigida em 1882 em uma área atualmente localizada entre os municípios de Palmeira das Missões e Santo Augusto, segue a orientação verificada nas demais propriedades estudadas: a implantação de sua sede destaca a casa do estancieiro perante as demais moradias.

É interessante notar, na implantação dessa propriedade (figura 44), a presença de três casas de empregados, o que não ocorre nas demais sedes da região. Sabe-se que nas estâncias os peões casados comumente moravam em uma casa que abrigava somente sua família. Entretanto, era comum que essas casas ficassem em postos distantes da sede, em pontos estratégicos que permitissem tomar conta do gado do estancieiro. Esses postos não resistiram ao tempo, embora seja comum o relato de sua existência ou a referência a este tipo de moradia nos inventários dos grandes proprietários de terras e animais.

No caso da Fazenda das Brancas, as três moradias de empregados em meio à sede chamam a atenção. Contudo, não há especificação, por parte de Nery Silva, arquiteto que pesquisou a fazenda, quanto à condição desses empregados – se livres ou escravizados. Também não há dados quanto à época em que essas moradias foram construídas – se são recentes ou se pertenciam à implantação original da fazenda. Ainda assim, sua posição ao fundo da casa-sede representa uma organização hierárquica mesmo nos dias de hoje.

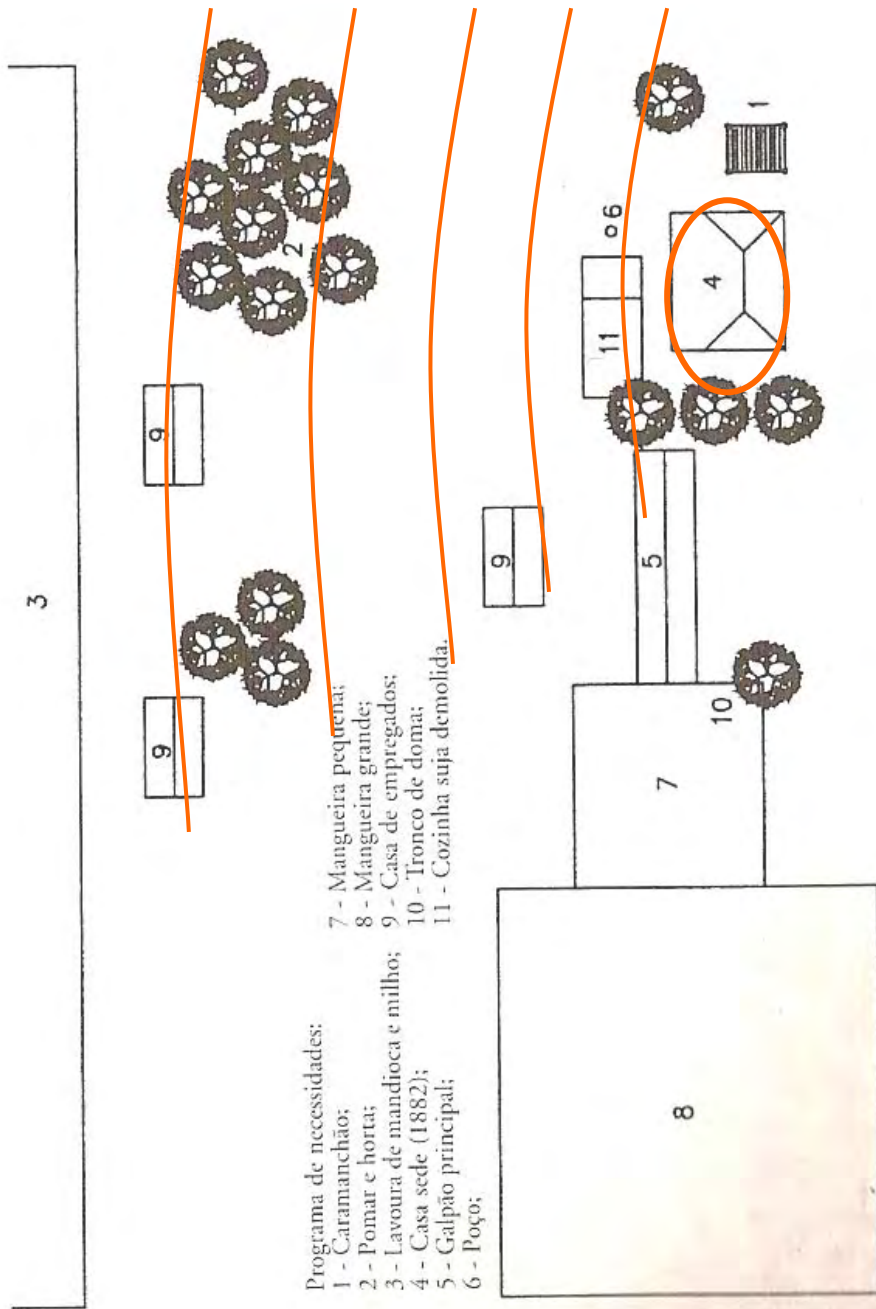


Figura 44: Implantação da Fazenda das Brancas, de 1882. As casas dos empregados, dispostas atrás da casa-sede, compõem o conjunto arquitetônico da sede dentro de uma lógica dual. Fonte: SILVA, 2004, p. 180, com adequação da autora (em cores).

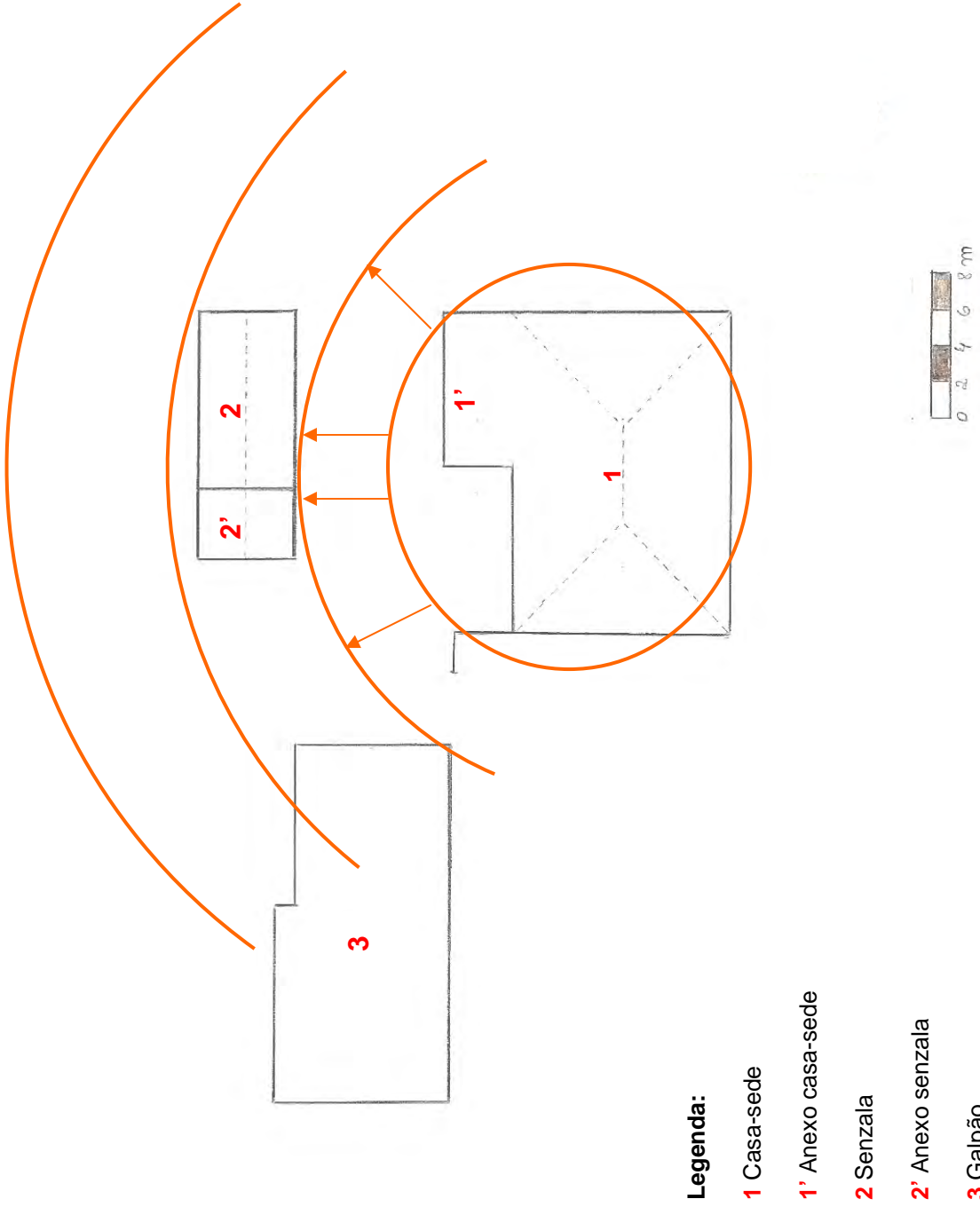
### Estância Vista Alegre

A implantação da sede da estância Vista Alegre segue a disposição verificada nas demais propriedades pesquisadas na região, como demonstrado nas figuras a seguir (45 e 46). O conjunto arquitetônico está organizado de modo que a casa-sede aparece em destaque, estando o galpão mais recuado, alinhado com os fundos da casa, e a senzala posicionada como se estivesse escondida, atrás da casa do estancieiro. Essa disposição pode ser caracterizada como representante das lógicas dual e sociocêntrica, em que a importância auferida a cada construção decresce a partir da frente e do centro em direção aos fundos e à periferia.

Para o desenho do plano de implantação da sede da Vista Alegre foram consideradas as construções erigidas no século XIX. Elementos construídos recentemente, como poço, caixa d'água, mangueira e galinheiro não constam nesse desenho.



Figura 45: Imagem digitalizada da sede da estância Vista Alegre. Fonte: Google Earth (2007).



**Legenda:**

- 1** Casa-sede
- 1'** Anexo casa-sede
- 2** Senzala
- 2'** Anexo senzala
- 3** Galpão

Figura 46: Implantação da sede da estação Vista Alegre, evidenciando modelo de organização dual e sociocêntrico. Fonte: A autora e Paulo R. Koch Jr.

## 4.2 A experiência corporal na sede da estância Vista Alegre

Por ainda contar com a casa-sede, a senzala e o galpão, a Vista Alegre possibilitou a realização de um trabalho de campo mais acurado, com a descrição e comparação dos elementos arquitetônicos das moradias e o desenvolvimento de uma metodologia de pesquisa baseada na fenomenologia da paisagem. Desse modo, as interpretações propostas a partir do estudo da sede dessa estância basearam-se, em grande medida, na experiência de estar nesse lugar e senti-lo. Para tanto foram realizados trabalhos de campo buscando, em um primeiro momento, o reconhecimento da área em estudo, especialmente da sede e de seu entorno. Caminhadas por entre as construções hoje abandonadas, por caminhos antigos e recentes, ao longo de mangueiras e muros de pedra, possibilitaram uma primeira familiarização com a estância Vista Alegre, a partir do que foram traçados os passos seguintes da pesquisa.

Em uma segunda etapa, os trabalhos de campo desenvolveram-se com o objetivo de detalhar os elementos construtivos e as formas arquitetônicas das moradias da sede da estância, o que exigiu uma reflexão maior sobre o lugar. Essa reflexão constitui-se também numa maneira de compreender os grupos humanos, uma vez que pensar nas coisas é um meio de alcançar as pessoas.

O terceiro momento da pesquisa de campo constituiu-se no fechamento da metodologia fenomenológica, quando a experiência sensorial do corpo na sede da estância em questão tornou-se o foco dos registros em diário. A experiência prévia nas demais propriedades rurais que compõem esse estudo mostrou-se crucial para o desenvolvimento dos trabalhos na Vista Alegre, uma vez que possibilitou uma familiarização com o modelo de implantação das sedes das estâncias na região. A

sensação de estar no lugar e de vivenciá-lo não poderia ter sido substituída por informações orais, iconográficas ou bibliográficas, na medida em que não há fonte que substitua a experiência do lugar. Dessa experiência direta resultou uma descrição da paisagem, a partir da qual foram elaboradas interpretações sobre as relações sociais na Vista Alegre, particularmente, e sobre a sociedade nas estâncias do Noroeste do Rio Grande do Sul, em um sentido geral. Cabe lembrar que para a realização dessas interpretações todas as fontes disponíveis foram levadas em conta. Isso porque o estar no lugar é insubstituível para a experiência fenomenológica da paisagem, mas sozinho não é suficiente para a interpretação da sociedade que a compunha.

#### **4.1.1 Os elementos construtivos e a hierarquia social**

No estudo do espaço arquitetônico os elementos construtivos empregados nas edificações têm um papel fundamental. A qualidade desses materiais pode evidenciar, por exemplo, o local de onde foram retirados e a região onde foram adquiridos. Indo mais além, sua análise pode indicar a disponibilidade de recursos humanos e materiais para a execução de determinada construção. Se tomados dentro de um espaço que reúne diversas edificações, como um conjunto habitacional, uma área comercial, uma vila ou mesmo uma cidade, os elementos construtivos podem evidenciar semelhanças e diferenças quanto à posição social das pessoas que interagem com essas construções, vivendo nelas ou utilizando-as como locais de lazer, trabalho, estudo, oração, etc. As formas arquitetônicas não são

afirmações categóricas da composição social, mas dão indicações de sua configuração.

Considerando as moradias, é possível afirmar que as diferenças entre sua localização dentro de um determinado espaço, entre os materiais de construção nelas empregados e as dimensões de suas formas são indicativos importantes da hierarquia social<sup>228</sup>. A análise das moradias que compõem a sede da estância Vista Alegre foi um meio de compreender como a disparidade social está manifestada nas formas arquitetônicas desse lugar.

A comparação dos materiais utilizados na construção da casa-sede, da senzala e do galpão demonstra claramente que, embora a matéria-prima utilizada nessas edificações fosse a mesma, a forma como era empregada se diferenciava bastante. Tijolos, basalto, arenito, telhas, argamassa são elementos constitutivos tanto da casa do estancieiro como das habitações de seus empregados, mas aparecem na casa-sede de modo mais planejado que nas demais moradias. O quadro a seguir (quadro 3) detalha os elementos construtivos empregados nas moradias da Vista Alegre e possibilita a comparação dos dados para fins de interpretação do espaço arquitetônico em questão.

---

<sup>228</sup> WASON, 1994, p. 136.



	<b>Casa-sede</b>	<b>Anexo casa-sede</b>	<b>Senzala</b>	<b>Anexo Senzala</b>	<b>Galpão</b>
<b>Paredes</b>	Tijolos e arenito.	Tijolos	Cacos de tijolos e de telhas, basalto e arenito.	Tijolos	Tijolos
<b>Portas</b>	Madeira	Madeira	Somente o vão	Somente o vão. Esquadria de madeira sem tratamento.	Várias: de madeira; somente o vão com esquadria em madeira; e somente vão.
<b>Janelas</b>	Internas: tampos de madeira pintada que abrem para dentro. Externas: madeira pintada e caixilhos de vidro tipo guilhotinha.	Recentes; basculantes de metal e vidro.	Talvez na lateral oeste e nos fundos. Não é possível precisar.	Somente o vão. Esquadria de madeira sem tratamento.	Somente o vão. Esquadria de madeira sem tratamento
<b>Piso</b>	Elevado e de madeira (assoalho). Piso de concreto colocado recentemente.	Elevado em relação ao chão externo e mais baixo do que o piso do corpo da casa.	Chão batido. Mesmo nível do solo.	Elevado 0,50m em relação à senzala. Tijolos.	Mesmo nível do solo externo. Chão batido.
<b>Telhas</b>	Originalmente capa e canal, substituídas por telhas francesas em 1999.	Originalmente capa e canal, substituídas por telhas francesas em 1999.	Capa e canal.	Capa e canal.	Capa e canal.
<b>Estrutura telhado</b>	Tesouras, treliças e vigas de madeira.	Treliça em madeira	Tesoura e treliça em madeira	Treliça em madeira	Tesoura e treliça em madeira
<b>Argamassa</b>	Sim. Mistura de barro e estreme.	Sim. Não foi possível a identificação do material.	Em alguns pontos aleatórios. Composição: barro.	Mais frágil nos fundos, mais resistente na lateral leste e na fachada.	Sim. Areia e cal.
<b>Reboco</b>	Interno e externo.	Interno e externo.	Interno, em pontos aleatórios da parede.	Interno e externo.	Na fachada e na lateral oeste.
<b>Pintura externa</b>	Recente. Em todos os lados da casa.	Recente. Em todos os lados.	Não	Recente. Somente na fachada e na lateral leste.	Recente. Somente na fachada e na lateral oeste.
<b>Elementos decorativos</b>	Beiral de cimalha na fachada e nas laterais, com mais detalhes no beiral da fachada e da lateral leste.	Não	Não	Não	Não
<b>Fundação</b>	Basalto	Basalto e tijolos	Basalto	Basalto e tijolos	Basalto e tijolos

O quadro anterior possibilita que sejam feitas interpretações a respeito do modo como as formas arquitetônicas indicam a presença de hierarquia social no contexto da Vista Alegre, ao mesmo tempo em que permite uma reflexão a respeito das possibilidades de interação das pessoas com as construções.

Como mencionado anteriormente, um dado bastante evidente é a diferença com que os mesmos materiais construtivos foram empregados na construção das três moradias em estudo. As paredes da casa-sede, por exemplo, devem sua durabilidade mais ao modo como foram estruturadas do que aos materiais nelas empregados. Elas são compostas de tijolos e blocos de arenito, e estão assentadas sobre fundação de basalto. O mesmo tipo de material foi utilizado na construção da senzala. Entretanto, para a edificação das paredes desta foram empilhados cacos de tijolos e blocos disformes de pedras basalto e arenito, cujos vãos foram preenchidos com cacos de telhas. A esse aglomerado de materiais foi misturada argamassa de barro, mas somente em alguns pontos e de forma aleatória. Já nas paredes da casa-sede foi utilizada como argamassa uma mistura de esterco e barro, ao que se sobrepôs o reboco e, por fim, a pintura. O reboco original ainda pode ser percebido hoje, mas a pintura, bastante desgastada pelo tempo, data da última reforma da casa, realizada por volta de 1999. Nas paredes externas da senzala não há indícios de reboco ou de pintura, o que deve ter acelerado o processo de deterioração dessa moradia. Já o anexo da senzala possui paredes melhor conservadas, com reboco em todo o interior, na fachada e na lateral externa. A pintura, também recente, está presente dentro do anexo, na sua fachada e também na lateral. É interessante notar que os lados externos que receberam um melhor acabamento (reboco e pintura) são os que integram a área de circulação entre as três moradias. A construção deste anexo da senzala parece ser mais recente, pois

suas paredes são feitas somente com tijolos regulares, além de sua espessura ser mais fina, uma característica que foi se acentuando cada vez mais nas edificações com o passar do tempo. As figuras 47 e 48 possibilitam comparar a espessura das paredes do anexo e da senzala.



Figura 47: Parede da senzala, medindo 0,48 m de largura.  
Fonte: Arquivo da autora (06/02/2007).



Figura 48: Parede do anexo da senzala, medindo 0,16 m de largura.  
Fonte: Arquivo da autora (06/02/2007).

A maneira como o material construtivo foi empregado nas paredes da casa-sede, da senzala e do galpão evidencia um cuidado maior com a estrutura da primeira, em melhor estado de preservação do que as demais. A durabilidade da casa do estancieiro parece ter sido uma preocupação de quem a idealizou e construiu. O mesmo não ocorre com a senzala, onde o emprego de materiais descartados e mal talhados evidencia a falta de interesse com sua resistência às intempéries e ao passar dos anos. Se os materiais utilizados eram basicamente os mesmos e se a mão-de-obra estava disponível na estância, compreende-se que a inferioridade na construção das moradias dos empregados teria como base a hierarquia social. Como a idealização da sede da propriedade partia de seu dono, entende-se o porquê das diferenças entre as moradias que a compunham.

Um dado comum à casa-sede, à senzala e ao galpão é a utilização de telhas capa e canal. Entretanto, a casa do estancieiro é a única que conta com forro, tendo um pé direito bastante alto, característica verificada nas demais casas-sede do mesmo período pesquisadas na região. Tesouras e treliças de madeira (figura 49) dão sustentação ao telhado das três moradias, mas na casa do estancieiro a madeira empregada é mais robusta. A estrutura dos telhados das habitações da Vista Alegre é comum a outras propriedades rurais do mesmo período e também de períodos anteriores. As telhas capa e canal são características marcantes em diversos tipos de edificação, desde a época colonial até o início do século XX. Telhas francesas estão presentes em construções rurais mais recentes, sendo também utilizadas atualmente para substituir telhas em mau estado nas edificações oitocentistas, como ocorreu com a casa-sede da Vista Alegre. A figura 50 demonstra como eram encaixadas as telhas capa e canal, as quais serviam para drenar (como capa) e escoar (como canal) a água dos telhados. As figuras 51 e 52 demonstram os

dois modelos de telhas desse tipo utilizados nas moradias da sede da Vista Alegre<sup>229</sup>.

---

<sup>229</sup> Não foi possível identificar se há diferença quanto ao emprego das duas telhas nessas construções.



Figura 49: Tesoura e treliça em madeira sustentam o telhado da senzala na estância Vista Alegre. Fonte: acervo da autora (foto de autoria de Paulo Roberto Koch Jr., em 06/02/2007).

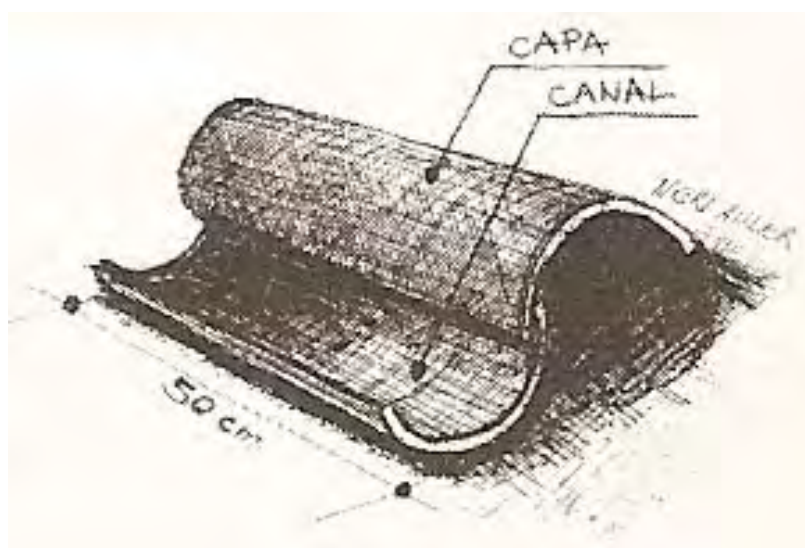


Figura 50: Telhas capa e canal. Inicialmente empregadas nos telhados das casas provisórias, esse tipo de telha também foi comumente utilizado nos telhados das moradias definitivas, dos galpões e das senzalas. Fonte: SILVA, 2004, p. 111.

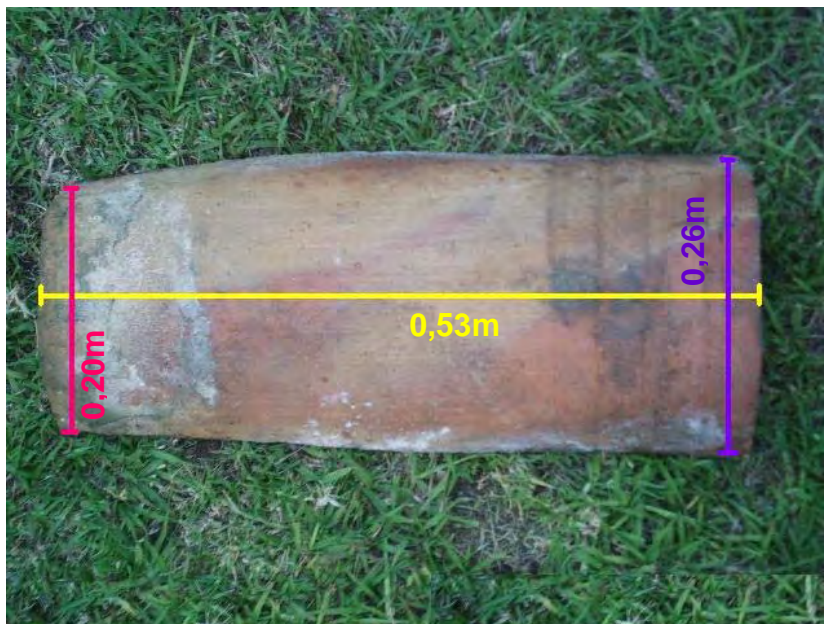


Figura 51: Telha empregada nas construções da estância Vista Alegre.  
Fonte: Arquivo da autora (06/02/2007).

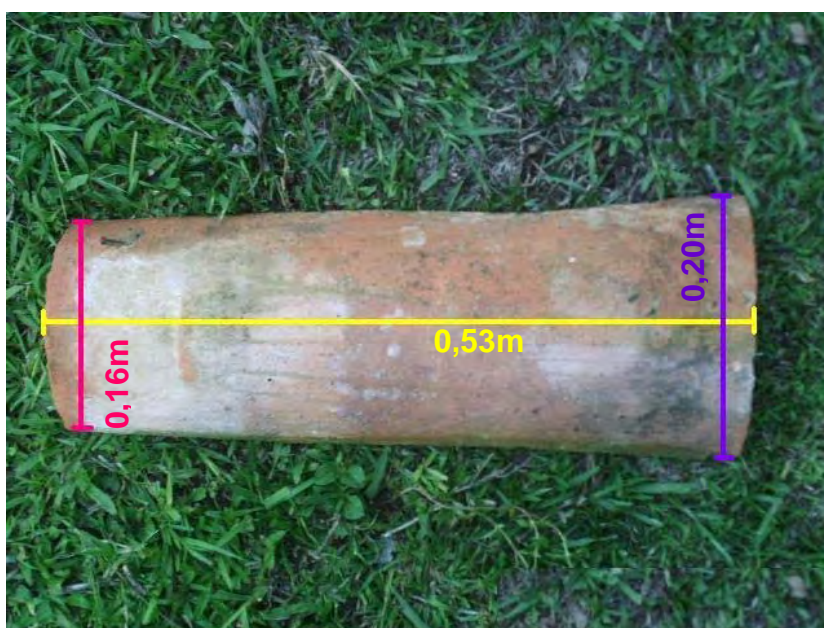


Figura 52: Telha empregada nas construções da estância Vista Alegre.  
Fonte: Arquivo da autora (06/02/2007).



O arremate entre o telhado e a parede é verificado somente na casa-sede, onde o beiral de cimalha (figuras 53 e 54) está presente na fachada e nas laterais. Uma discreta sobreposição de linhas foi aplicada na cimalha da frente e da lateral leste da casa, lados que estão voltados para a estrada principal que passa em frente à estância. A lateral oeste e os fundos da casa não são ornamentados com esse detalhe.

Isso reforça a idéia de que as formas materiais também possuem o lado da frente e o lado de trás. As pessoas diferenciam a parte da frente e a parte de trás dos objetos e das construções que criam, comumente destacando e decorando os lados que ficam à mostra.



Figura 53: Beiral em cimalha, presente apenas na casa-sede. Fonte: Acervo da autora (fotografia de autoria de Paulo Roberto Koch Jr., em 16/02/2007).



Figura 54: Lateral leste da casa-sede. As setas apontam para os elementos decorativos da cimalha, presentes somente nesta lateral e na fachada da casa. Fonte: Acervo da autora (fotografia de autoria de Paulo Roberto Koch Jr., em 16/01/2007).

A hierarquia social estava expressa também no piso que compunha as moradias. Na casa-sede verifica-se a presença de assoalho assentado sobre vigas de madeira. A elevação do assoalho em relação ao solo dá espaço para o porão. O piso elevado é uma característica comum nas casas-sede das propriedades estudadas, cujo acesso é usualmente viabilizado por degraus colocados do lado externo da residência. Essa particularidade pode ser considerada um indicativo de disparidades sociais na medida em que está presente somente em frente às portas da casa-sede, não sendo verificada nos acessos à senzala ou ao galpão.

O anexo da casa-sede, onde atualmente se localiza a cozinha e um quarto, também é elevado em relação ao solo, mas é mais baixo do que o assoalho do corpo principal da casa. Além disso, seu piso é de tijolos, e não deixa espaço para o porão, pois foi construído rente ao alicerce. Esse anexo recebeu um tratamento arquitetônico inferior se comparado ao restante da moradia, com teto mais baixo e sem forro. Uma porta o separa do restante da casa, sendo que um degrau conecta sua cozinha a uma sala destinada às refeições. Essa sala foi reformada recentemente, quando seu piso foi cimentado e a porta dos fundos, que levava ao pátio e à senzala, foi transformada em janela.

Nas construções que abrigavam os empregados o piso era de chão batido, feito a partir da terra umedecida e socada. Tanto o piso da senzala quanto o do galpão equiparavam-se ao nível do solo. A exceção está no anexo da senzala, cujo piso, de tijolos, eleva-se em 0,50 m. Neste anexo há um cuidado maior quanto à escolha dos materiais construtivos. As paredes são de tijolos e argamassa, e há reboco na fachada e na lateral leste, o que não ocorre nos fundos dessa construção. Como dito anteriormente, percebe-se que havia um cuidado maior com as paredes que estavam voltadas para a área de circulação existente entre as moradias.

Segundo informações dadas por Arani Senna, ex-caseiro da Vista Alegre, esse anexo era utilizado como cozinha há alguns anos atrás. O estado de deterioração do conjunto inteiro da senzala (corpo principal e anexo) não permite que essa construção seja utilizada hoje.

Embora bastante danificado, o galpão da Vista Alegre ainda é utilizado esporadicamente como dormitório. Isso ocorre comumente em épocas de marcação do gado, banho, vacinação, entre outras atividades ligadas à pecuária. Ainda de acordo com Arani Senna, o galpão foi sempre utilizado como dormitório dos peões, além de servir de depósito e como local para a produção de charque. Também essa construção recebeu um tratamento diferenciado nos lados mais à vista – fachada e lateral oeste, ambos voltados para a área de maior circulação de pessoas. As paredes desses dois lados receberam reboco e pintura, enquanto as paredes dos fundos e da lateral leste são compostas somente de tijolos e argamassa (ver figuras 82 a 85).

Uma outra forma de expressão material das diferenças sociais vivenciadas pelos habitantes da sede da Vista Alegre é verificada nas dimensões das moradias. A casa do estancieiro se sobressai não somente pelo tamanho da área construída, mas também pela robustez de suas formas. O quadro a seguir (quadro 4) demonstra as dimensões das três moradias em estudo.

**Quadro 4: Dimensões das moradias da estância Vista Alegre (em metros).**

	<b>Casa-sede</b>	<b>Anexo Casa-sede</b>	<b>Senzala</b>	<b>Anexo Senzala</b>	<b>Galpão</b>
<b>Fachada</b>	17,80	-	9,88	3,98	19,59
<b>Lateral leste</b>	12	3,68	divisória	5,30	9,67
<b>Lateral oeste</b>	12	3,68	+5,20	divisória	8,55
<b>Fundos</b>	9,37 + 8,43 (anexo)	8,43	9,88	3,98	19,59

#### 4.1.2 Experienciando a Vista Alegre

É a partir de sua existência no mundo, por meio do corpo, que os seres humanos sofrem a experiência da vida, num contínuo processo de ser e tornar-se. A interação do corpo humano com a materialidade tem um papel importante na formação da identidade individual e coletiva. Em um estudo de arqueologia fenomenológica a experiência corporal em meio à cultura material remanescente da sociedade que se quer compreender é imprescindível. Isso porque a sensação física do lugar indica ao pesquisador de hoje os limites e as possibilidades que a materialidade conferiu às pessoas no passado. É a própria materialidade do lugar que restringe a experiência sensorial e a torna mais objetiva, uma vez que, como afirma Merleau-Ponty, “a qualidade não é um elemento da consciência, é uma propriedade do objeto”<sup>230</sup>. Nesse sentido, quanto menos alterações o lugar a ser experienciado tiver sofrido, mais precisos serão os resultados obtidos a partir do desenvolvimento de uma metodologia fenomenológica.

Na sede da estância Vista Alegre a experiência corporal de hoje ocorre em um espaço arquitetônico semelhante ao existente na época em que Serafim Corrêa de Barros e sua família lá residiam. Segundo informações orais, as moradias que atualmente existem nessa propriedade datam da época de sua fundação (1843/44), sendo que as alterações por que passaram não descaracterizaram suas formas originais.

O inventário de Serafim Corrêa de Barros, iniciado em 1886 e encerrado em 1891, não detalha as construções que compunham a sede da estância, mas faz

---

<sup>230</sup> MERLEAU-PONTY, 1999, p. 25. É válido ressaltar que o termo qualidade aqui se refere à composição física do objeto, a sua própria materialidade, e não aos adjetivos que possam lhe caracterizar.

referência à “casa de morada do casal, construída de tijolos e coberta de telhas e mais benfeitorias [ilegível] pertencentes a mesma casa”. Já no inventário de sua esposa consta uma outra caracterização da sede da propriedade: “uma casa de moradia – paredes de pedras cobertas de telhas, forrada e assoalhada, com pomar e horta, cozinha, galpão, mangueira de pedra”. Essas descrições não são excludentes, e a diferença em seu detalhamento parece se dever a uma falta de precisão no arrolamento dos bens do inventariado. O fato de a senzala não estar listada entre os bens de raiz também dá chances a algumas interpretações: 1) por ser uma construção inferior e não representar um valor significativo, ela não foi arrolada no inventário<sup>231</sup>; 2) como era comum que os escravos dormissem nos corredores, ao pé da cama do senhorio, em galpões e mesmo na cozinha, é possível que a construção denominada aqui de senzala tenha sido utilizada como cozinha suja e como dormitório de escravos; ou 3) o que é denominado neste estudo de anexo da senzala pode ser o que é descrito como cozinha no inventário de Carolina, enquanto que o restante da construção corresponde à senzala. Cabe lembrar que todas as fontes orais consultadas<sup>232</sup> afirmam que a construção em ruínas atrás da casa-sede corresponde à antiga senzala da propriedade, orientação que foi seguida para realização dessa pesquisa.

Na experiência da sede da Vista Alegre não há uma direção exclusiva a ser tomada, como ocorre com passagens em meio a grutas, dentro de uma igreja ou de um hospital, por exemplo, mas há uma orientação sugerida ao corpo pela arquitetura criada dentro desse espaço. Dentro da cultura ocidental existem certos padrões na

---

<sup>231</sup> Em sua pesquisa sobre a Estância Velha do Jarau, Flamarion Gomes (2001, p. 37) comenta que “a senzala é um dos locais mais comentados, e ao mesmo tempo um dos menos conhecidos. Descrita geralmente como um cubículo sem janelas, muitas nem mesmo são mencionadas nos inventários devido a sua construção extremamente rústica”.

<sup>232</sup> A saber, os atuais proprietários da Vista Alegre, o ex-caseiro que empreendeu sua reforma, o vizinho da propriedade e a viúva do bisneto de Serafim Corrêa de Barros.

interação do corpo com as formas materiais<sup>233</sup> que podem ser verificados em contextos diversos, e são esses padrões que apontam por onde seguir dentro de uma paisagem.

É sabido, por exemplo, que as entradas frontais de uma residência são relacionadas a um nível maior de formalidade do que as entradas secundárias, como as portas localizadas na parte de trás. Estas são destinadas à circulação de pessoas ligadas a tarefas domésticas, manuais e também a indivíduos com os quais se tem uma relação mais próxima e não solene. Da mesma forma, a entrada pela janela é ligada a atitudes transgressoras. Também se verifica um padrão na disposição das casas dentro da cultura ocidental, as quais têm suas fachadas voltadas para a rua, lugar público, enquanto que o ambiente privado fica aos fundos, em meio a outros espaços também privados, separados por muros ou conectados por portões e áreas de uso comum, como ocorre nos condomínios. A rua, via pública, tem para si voltadas as fachadas das casas, dos prédios, dos estabelecimentos comerciais. As estradas também. Esse padrão, ou característica comum, é o que permite afirmar que existe uma sugestão dada ao corpo a partir das formas materiais que compõem a estância Vista Alegre.

Entendido de outro modo, também é possível afirmar que o corpo ocidentalizado, de antemão sugestionado por determinados padrões culturais, em meio ao tipo específico de organização da Vista Alegre, acaba por tomar certas direções. Na prática, o que ocorre é que a entrada na sede da estância ocorre pela parte da frente, a partir da estrada. Por onde o corpo vai se movimentar dentro desse lugar depende das razões que o movem, do interesse que o conduz, e também do *habitus*.

---

<sup>233</sup> Aqui cabe fazer referência à manifestação do *habitus* tema discutido no capítulo anterior, no item 3.4, *O corpo humano, a experiência da materialidade e os estudos sobre a cultura material*.



Chegar ao nível abstrato do pensamento das pessoas que interagiram com a estância Vista Alegre no século XIX é tarefa impossível de ser cumprida. Apreender as possibilidades concretas de movimento corporal dentro desse lugar é um objetivo que pode ser atingido por meio do desenvolvimento de uma metodologia para tal fim. Para o entendimento das formas de interação do corpo com a materialidade na Vista Alegre foi elaborado um plano metodológico que buscou recuperar o fenômeno gerado do contato direto com esse lugar levando em consideração somente dois sentidos: a visão e o tato. A escolha por ambos decorre da limitação de fontes a que se tem acesso hoje, ou seja, as formas arquitetônicas propositalmente alocadas em meio ao ambiente natural no qual a Vista Alegre foi estabelecida. É possível tocar e ver a casa do estancieiro, a moradia dos escravos e o lugar que abrigava os peões de um modo semelhante ao que ocorria no passado, uma vez que suas formas não foram significativamente alteradas. Os odores em que essas moradias e seu entorno estavam envoltos, os sons que sua gente ouvia, os sabores que eram degustados, não podem mais ser experimentados. A Vista Alegre está abandonada. Não existem escravos, nem peões, nem estancieiro, nem crianças nem adultos. Não existem mulas ou ovelhas. Não há fogo de chão ou tacho na brasa. Não há conversas, não há risos, nem tropeada nem latido. Não é possível ouvir os sons, nem cheirar os aromas, nem provar os gostos do passado na Vista Alegre. É possível somente ver e tocar as suas formas.

A visão parece ter sido um sentido bastante considerado na escolha do local para o estabelecimento da Vista Alegre. Tanto para quem dela se aproxima quanto para quem nela se encontra, a sede dessa estância, localizada no topo de uma coxilha, a uma altitude de 478 m, é um ponto estratégico para se ver e para ser visto.

Dentro da sede, a casa do estancieiro ocupa posição privilegiada, podendo ser avistada a quilômetros de distância, como exemplifica a figura 65. Além disso, a casa-sede é a primeira construção a ser vista quando da aproximação a essa propriedade (como demonstrado nas figuras 56, 57, 59, 60 e 62).

Uma vez que os campos da região foram bastante alterados, principalmente devido a sua utilização como lavoura, não é possível identificar os caminhos que eram utilizados originalmente para chegar à estância, mas é bastante provável que a estrada passasse em frente à sede, como ocorre hoje. Essa suposição torna-se mais segura quando se compara a implantação da Vista Alegre com as demais sedes das estâncias oitocentistas da região de Cruz Alta, nas quais as moradias dos estancieiros, por medida de segurança, tinham suas fachadas voltadas para a estrada.



Figuras 55 e 56: Aproximando-se da Vista Alegre pela estrada principal (sentido Leste-Oeste). Fonte: Google Earth (detalhe) e a autora (fotografia de autoria de Paulo Roberto Koch Jr, em 16/01/2007).

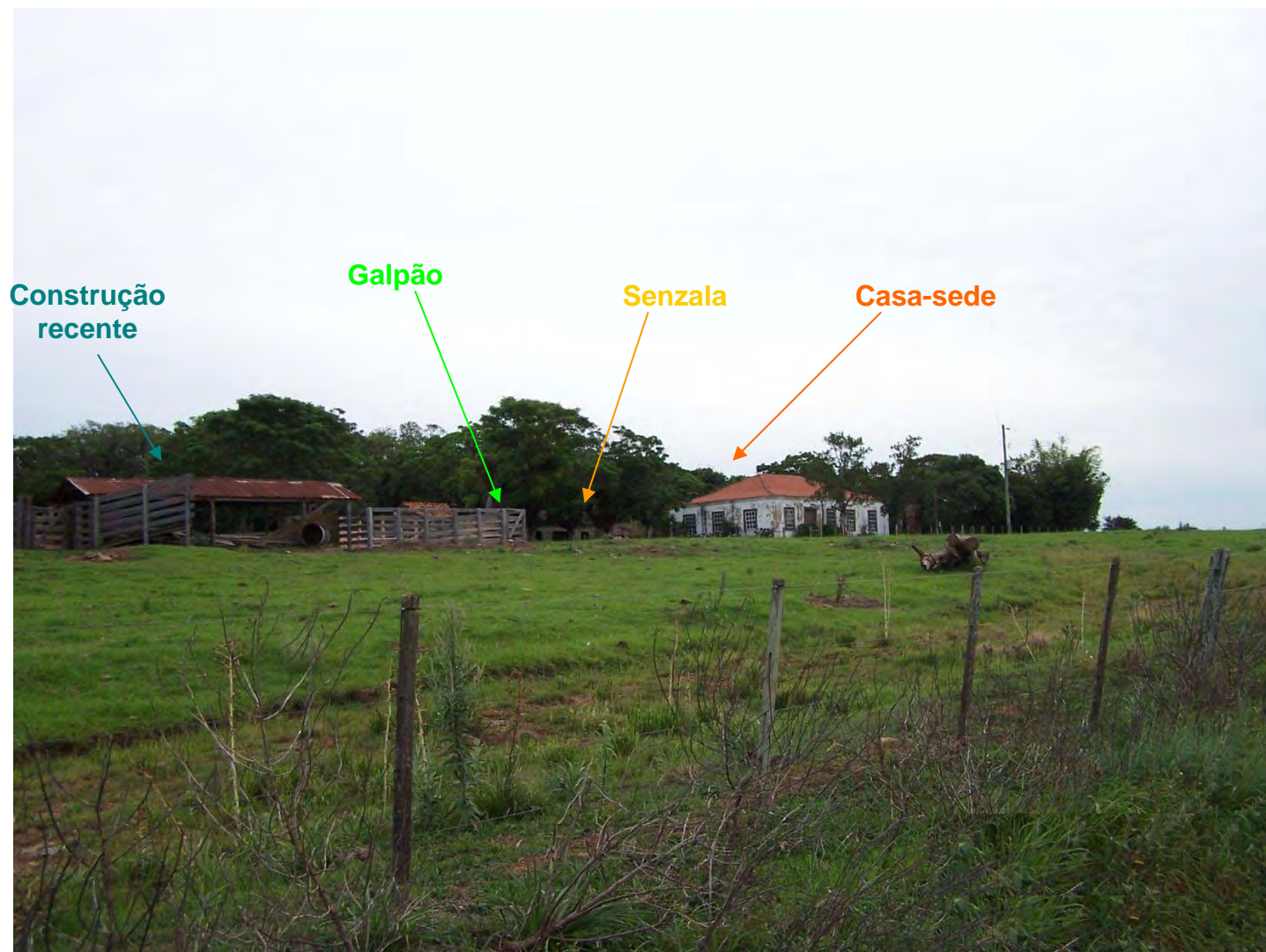


Figura 57: Chegada à Vista Alegre pela estrada principal (sentido Leste-Oeste). Fonte: A autora (fotografia de autoria de Paulo Roberto Koch Jr, em 16/01/2007).



Figuras 58 e 59: Aproximando-se da Vista Alegre pela estrada principal no sentido Oeste-Leste.  
Fonte: Google Earth (detalhe) e a autora 16/01/2007.



Figura 60: Chegada à Vista Alegre pela estrada principal no sentido Oeste-Leste. Tanto de longe quanto de perto, a casa-sede é a única moradia possível de ser vista. Fonte: Arquivo da autora (16/01/2007).



Figuras 61 e 62: Chegada à Vista Alegre pela frente, no sentido Norte-Sul (não há estrada).  
Fonte: Google Earth (detalhe) e a autora (16/01/2007).



Figuras 63 e 64: Chegada à Vista Alegre pelos fundos, no sentido Sul-Norte (costeando o muro de pedra). Somente as árvores de trás da sede são avistadas. Fonte: Google Earth (detalhe) e a autora (16/01/2007).





Figuras 65 e 66: A Vista Alegre a partir da Fazenda Santa Lúcia, distante 2,5 quilômetros (a Santa Lúcia foi fundada em 1935, em campos de propriedade de Serafim Corrêa de Barros). Fonte: Google Earth (detalhe) e a autora (25/08/2006).

Como exposto anteriormente, a escolha do local onde a sede da estância seria erigida era comumente relacionada a áreas altas, por questão de salubridade e por possibilitar uma ampla visão das redondezas. Mesmo que essa escolha seja de ordem prática e funcional, sua interferência na esfera subjetiva também deve ser considerada. Isso porque, como demonstrado nas figuras precedentes, a casa do estancieiro acabava por tornar-se uma referência não só no ambiente da estância, mas também dentro de uma área mais ampla, na região a sua volta. O fato de estar projetada na paisagem, saliente perante as demais formas arquitetônicas, contribui para enaltecer a figura de seu proprietário. A casa-sede, nesse sentido, é um lugar significado e significativo, um componente da paisagem que atua fortemente no processo de formação identitária da sociedade em questão.

Ao mesmo tempo em que a casa-sede exerce influência por estar bastante exposta na paisagem, podendo ser vista a partir de diferentes direções e de pontos distantes, ela igualmente possibilita aos seus ocupantes uma visão ampla da área em que está inserida, como explicado acima. Se comparada às demais moradias da estância, a casa-sede revela-se um lugar hierarquizado também devido ao nível de visibilidade que proporciona. Contando com nove janelas e quatro portas comunicando interior e exterior (figuras 68 a 71)<sup>234</sup>, tem-se, a partir dessa moradia, a visualização da senzala, do galpão, e de uma ampla área de campos, como demonstra a figura 67 e as figuras 76 a 78. É preciso considerar também que o tamanho das aberturas dessa casa, bem maior do que o verificado nas demais construções da Vista Alegre, possibilita, além da visão mais ampla, maior incidência

---

<sup>234</sup> Atualmente existem somente duas portas de acesso à casa-sede (o anexo não foi considerado), pois as outras duas foram transformadas em janelas. É possível que existissem outras aberturas na parede que hoje faz a divisão entre a casa e o anexo. Neste, duas janelas e uma porta viabilizam a comunicação com o exterior.

de luz no interior da casa, o que também tem papel importante na vivência cotidiana de seus habitantes.

Na senzala, ambiente de um só cômodo, há duas portas voltadas para os fundos da casa-sede (*b* e *c* na figura 72). Não é possível precisar se existiam outras aberturas nas duas paredes em desmoronamento (*d* e *f*, nas figuras 73 e 74, respectivamente), tampouco se essas, caso existissem, eram portas ou janelas. Já no anexo da senzala é possível verificar a existência de uma janela e de uma porta, em lados opostos, voltadas respectivamente para a parte de trás da sede, onde hoje há somente mato, e para os fundos da casa do estancieiro. As figuras 72 a 74 mostram a posição das aberturas na senzala e em seu anexo, e as figuras 79 a 81 mostram a vista que se tem a partir da senzala.



Figura 67: Vista que se tem a partir da fachada da casa-sede. Fonte: arquivo da autora. 25/08/2006.



Fig. 68: Fachada da casa-sede. (Arquivo da autora).



Fig. 69: Fundos da casa-sede e seu anexo. (Arquivo da autora).



Fig. 70: Lateral da casa-sede. (Arquivo da autora).



Fig. 71: Lateral da casa-sede. (Arquivo da autora).

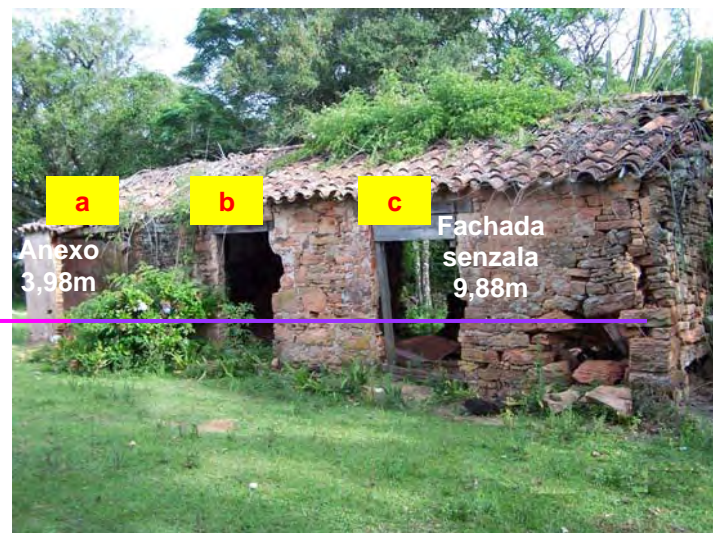


Figura 72: Fachada da senzala e do anexo. (Arquivo autora).

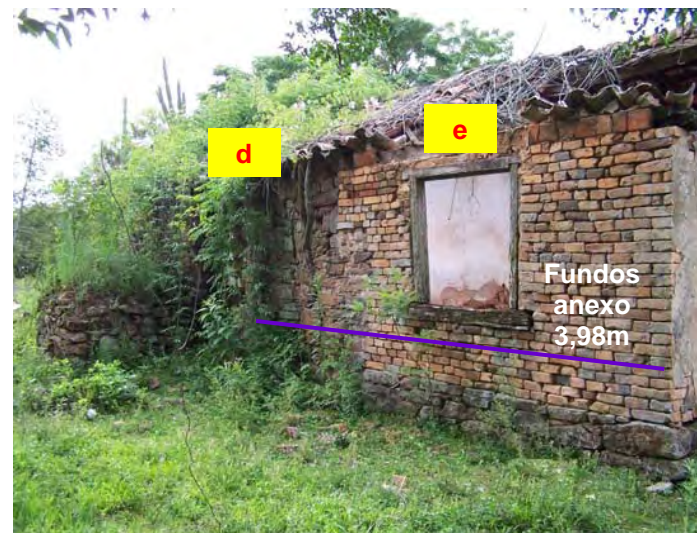


Figura 73: Fundos do anexo. (Arquivo autora).



Figura 74: Lateral da senzala. (Arquivo autora).



Figura 75: Lateral do anexo. (Arquivo autora).



Figuras 76 a 78: Vista que se tem a partir da porta principal da fachada da casa-sede. Fonte: Arquivo da autora.



Figuras 79 a 81: Vista que se tem a partir da porta central da fachada da senzala. Fonte: Arquivo da autora.

O galpão (figuras 82 a 85) conta atualmente com nove portas e seis janelas. Entretanto, alterações mais recentes nessa edificação lhe acrescentaram algumas aberturas e transformaram outras já existentes. É provável que tenham sido realizadas outras reformas – internas e externas – no decorrer dos tempos, principalmente por ser o galpão uma construção que vem sendo constantemente utilizada, servindo hoje de moradia temporária para trabalhadores que lidam com o gado. A grande quantidade de portas facilita e dinamiza o acesso à área destinada às lides campeiras, como o seguro e a mangueira. Elas também viabilizam a comunicação direta entre o exterior e os cômodos de diferentes funções, como o depósito, os dormitórios, o local para o fogo de chão e para a produção de charque<sup>235</sup>. Ao contrário da senzala, que não possui divisões internas, o galpão possui diversas divisórias, algumas parecendo instalações provisórias, outras com caráter permanente, o que atesta sua utilização para fins diversos, de acordo com a necessidade de seus ocupantes.

---

<sup>235</sup> Cabe ressaltar que o charque produzido destinava-se ao consumo na própria estância.





Figura 82: Fachada do galpão. Fonte: Arquivo da autora.



Figura 83: Fundos do galpão. Fonte: Arquivo da autora.



Figura 84: Lateral do galpão. Fonte: Arquivo da autora.



Figura 85: Lateral do galpão. Fonte: Arquivo da autora.

Além de conferir visibilidade e possibilitar a comunicação entre diferentes ambientes, as aberturas das moradias (ver figura 86) direcionavam a realização de atividades e criavam espaços de diferentes significados, nos quais se desenvolviam rotinas corporais de acordo com a dinâmica da estância e com os papéis sociais daí advindos. Em outras palavras, a disposição das portas em determinados pontos da casa-sede, da senzala e do galpão, sugere direções a serem tomadas pelos peões e pelos escravos no desenvolvimento de suas tarefas quotidianas dentro da sede.

O cumprimento de tarefas domésticas e campeiras dentro da estância ocorria inicialmente a partir de uma orientação dada pelo proprietário e sua família, à qual era acrescido um direcionamento dado pela própria materialidade dos lugares. A partir das atividades desempenhadas na sede da estância decorria a elaboração, por parte dos indivíduos, de rotinas corporais que os habilitassem a interagir nos espaços em que suas funções eram requeridas. Compreender essa interação torna-se relevante na medida em que ela tem influência direta no processo de formação identitária da sociedade.

No caso da Vista Alegre é possível afirmar que a soma das experiências corporais vivenciadas nos diferentes lugares de sua sede contribuiu para perpetuar a organização social, uma vez que o próprio conjunto arquitetônico da estância constituía-se num espaço hierárquico e, por conseguinte, hierarquizante.

O nível de visibilidade obtido a partir de cada moradia deve ser considerado como relevante no processo de estruturação da percepção de mundo de seus habitantes, na medida em que a amplitude ou a restrição visual desencadeiam diferentes sensações e relações com a paisagem. Assim como uma casa com vista para o mar proporciona a seus ocupantes uma sensação diferente daquela provocada por uma casa com vista para um prédio em obras, também a ampla visão

tida a partir da casa-sede provoca uma sensação que difere da proporcionada pela visão restrita que se tem a partir da senzala. A experiência visual quotidiana em cada uma dessas moradias influencia diretamente na formação do espaço existencial e perceptual. Recuperar o significado dessa experiência no nível subjetivo dos indivíduos que a vivenciaram em seu dia-a-dia é impossível. Entretanto, é preciso reconhecer que a existência ou não de barreiras limitadoras à visão provoca noções de identidade social diferenciadas. Nesse sentido, pode-se dizer que a visão restrita obtida a partir da senzala, a visão semi-restrita experienciada a partir do galpão e a possibilidade de uma visão irrestrita a partir da casa-sede não só demonstram a existência de um espaço hierarquizado, codificador da concepção de mundo de seu idealizador, como também constituem mecanismos que reafirmam constantemente a posição social que escravos, peões e elite proprietária ocupam na sociedade estancieira.

A experiência sensória na sede da estância Vista Alegre também possibilita a interpretação das rotinas corporais desenvolvidas pelas pessoas em meio ao espaço arquitetônico das moradias. Além da diferença nas formas e nos materiais empregados em cada construção, assunto tratado no item anterior, também a disposição da senzala, do galpão e da casa-sede indicam que as disparidades sociais eram vivenciadas quotidianamente na realização das tarefas exigidas pela dinâmica da estância. Considerando as atividades básicas desempenhadas pelos trabalhadores campeiros e pelos trabalhadores domésticos na sede da Vista Alegre percebe-se a existência de um espaço destinado às tarefas domésticas e de um espaço ligado às atividades campeiras.

A circulação de escravos entre a senzala e a casa-sede possivelmente originou um espaço somático altamente restrito. Isso porque o ambiente onde eram

desenvolvidas as tarefas domésticas por parte dos escravos estava circunscrito aos fundos da casa-sede e ao próprio entorno da senzala, área na qual estavam localizados o poço, o forno, a cozinha e provavelmente a horta. Mesmo o trabalho doméstico realizado na casa-sede estava relacionado a uma rotina corporal restrita pela materialidade dessa construção e pelas atividades designadas pelo senhorio, como a arrumação dos cômodos, a limpeza da casa e os cuidados com o servir a mesa, para citar alguns exemplos.

Em um espaço mais amplo eram realizadas as atividades ligadas ao campo. Deixando de lado as lides com o gado e levando em conta somente as tarefas desempenhadas em meio às moradias que compunham a sede da Vista Alegre constata-se que a rotina corporal dos peões era mais flexível que a dos escravos. A existência de várias portas e janelas ligando o interior do galpão e a área externa possibilitava uma maior mobilidade corporal, como referido anteriormente. Entretanto, essa mobilidade também estava de certa forma restrita a um espaço específico dentro da sede. Isso porque o local utilizado pelo estancieiro para o pagamento dos peões e para tratar dos assuntos “burocráticos” relacionados à economia pastoril ficava na própria casa-sede, em um escritório ao qual se tinha acesso direto pela porta lateral<sup>236</sup>, voltada para o galpão. Desse modo, pode-se interpretar o espaço utilizado na sede para o desenvolvimento de atividades relacionadas ao gado como sendo de um médio nível de restrição corporal, caracterizado por dar chances mais amplas para o desenvolvimento de rotinas corporais tanto no galpão quanto entre essa construção e a casa do estancieiro.

Dentre as três moradias em questão a casa-sede demonstra possibilitar diversas rotinas corporais, em grande medida porque não se tem uma precisão

---

<sup>236</sup> Essa porta foi transformada em janela.

quanto às tarefas realizadas pelos seus habitantes. A bibliografia comumente apresenta a família do estancieiro como colaboradora no desempenho das atividades pastoris, o que estaria ligado à esfera masculina, ou na realização dos afazeres domésticos, relacionados ao âmbito feminino. Entretanto, não há uma precisão com relação às atividades desempenhadas pela família proprietária, tampouco uma garantia de que esse grupo social era responsável por alguma tarefa específica dentro da sede da estância. O desenvolvimento de rotinas corporais provavelmente restringia-se mais às possibilidades proporcionadas pelo patriarca do que à materialidade do lugar, propriamente dito. A essa gama de possibilidades soma-se o fato de que a frente da casa-sede era tida como um espaço destinado à elite da sociedade, onde a porta central, maior que as demais portas dessa moradia, destinava-se ao trânsito dos “iguais”, pessoas que também compunham a elite social do contexto estancieiro.

Pelo exposto, é possível interpretar a sede da estância Vista Alegre como sendo constituída por três espaços somáticos, nos quais eram desencadeadas rotinas corporais específicas (ver figura 87). Na interação quotidiana dos grupos humanos com o espaço arquitetônico da estância formaram-se identidades sociais diretamente relacionadas com a função desempenhada por cada indivíduo e com a categoria social a que pertenciam. O espaço subordinado das atividades domésticas, ocupado essencialmente por escravos, o espaço não produtivo destinado especialmente à elite proprietária de terras e o espaço relacionado às funções campeiras evidenciavam, assim, níveis diferenciados de hierarquia presentes na interação dos seres humanos com a cultura material.

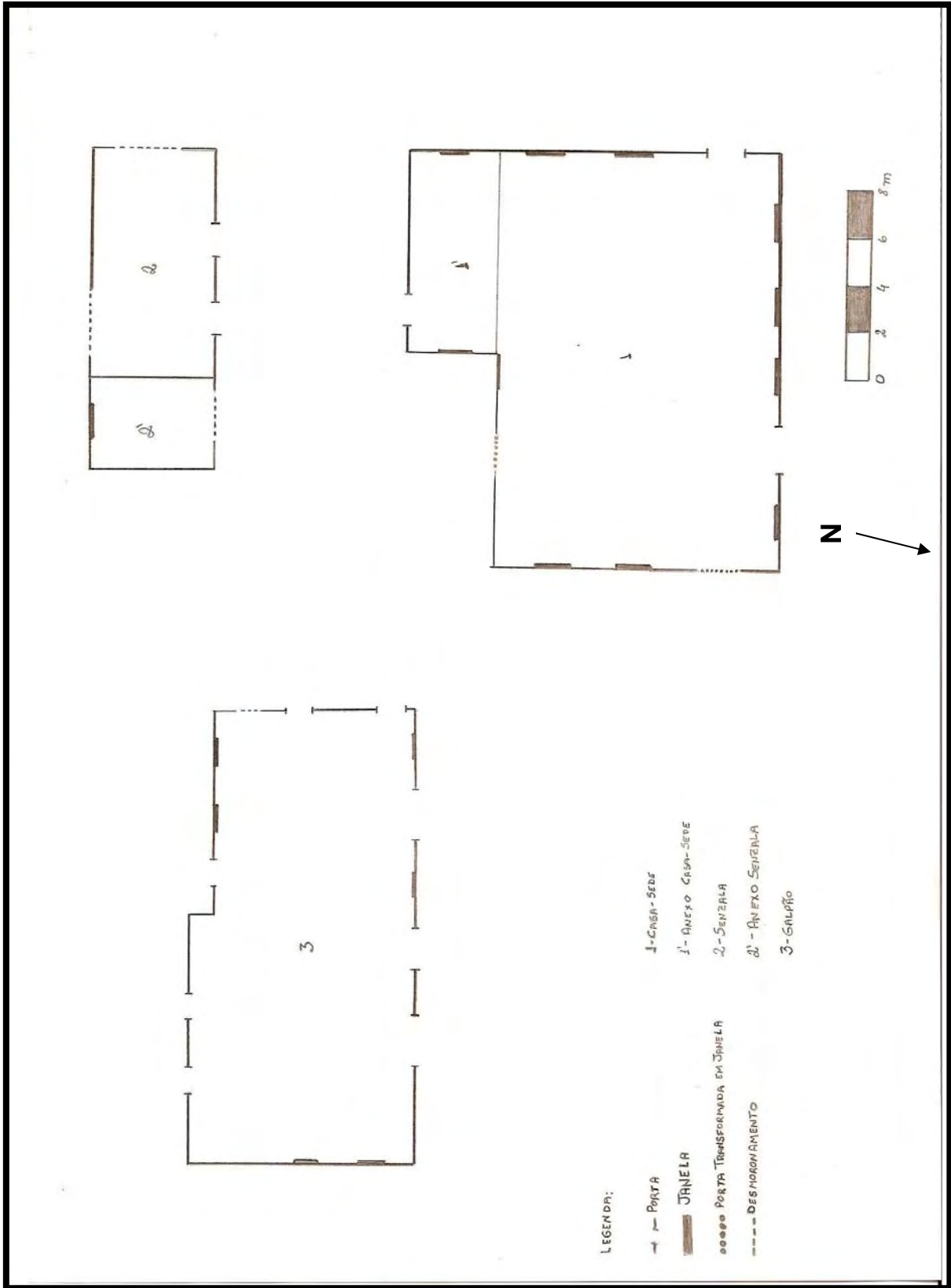


Figura 86: Implantação da sede da estação Vista Alegre. Fonte: A autora e Paulo R. Koch Jr.

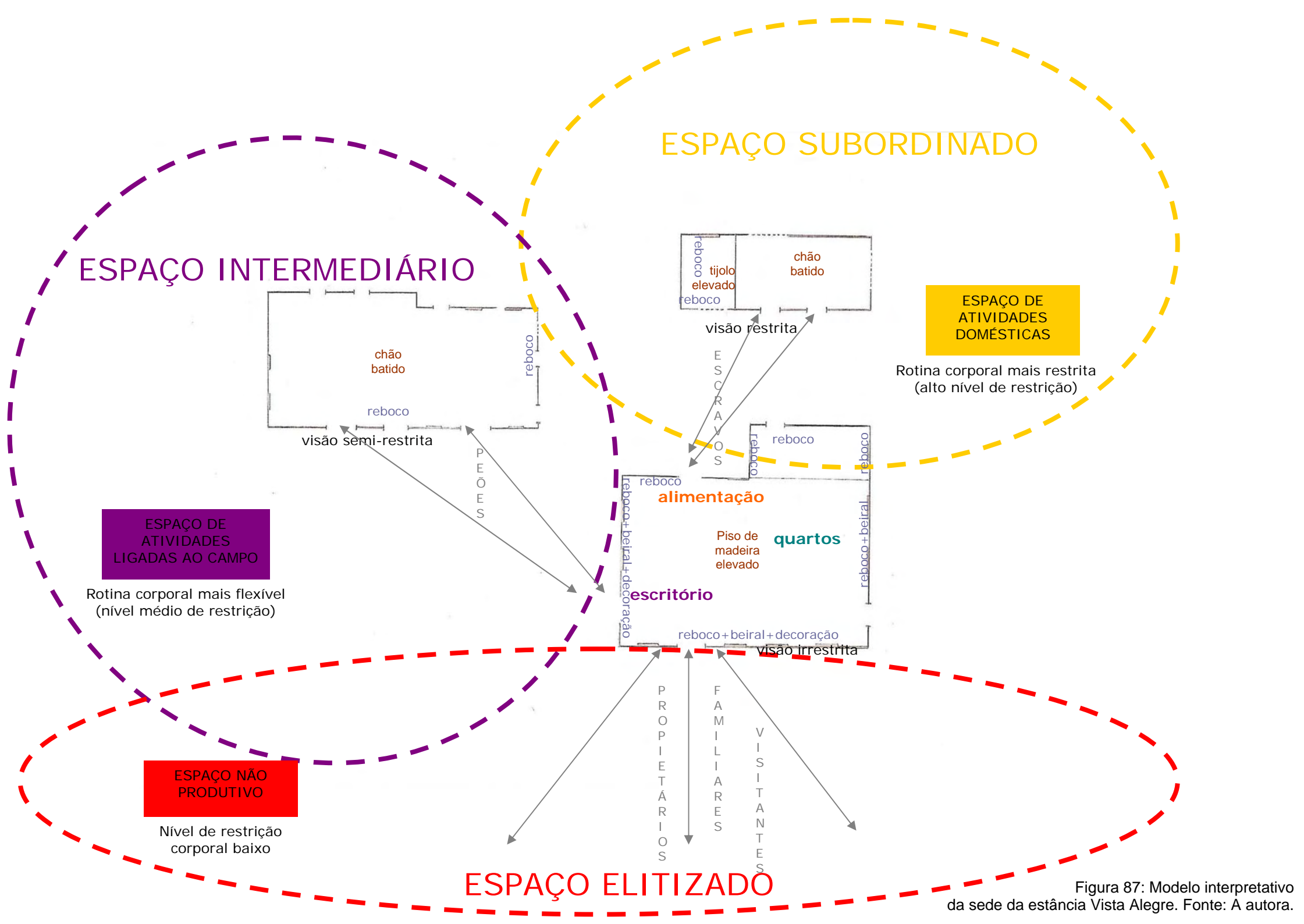


Figura 87: Modelo interpretativo da sede da estância Vista Alegre. Fonte: A autora.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Críticos da fenomenologia argumentam que a descrição feita pelo pesquisador quando em contato com a paisagem é limitada a sua condição física, étnica, de gênero e de classe, do que resultaria um trabalho subjetivo, pouco científico e de validade questionável. Esse argumento parece refletir mais um desconhecimento do que uma apreciação consciente sobre a fenomenologia da paisagem.

É preciso reconhecer que toda produção do conhecimento é comprometida com posicionamentos individuais, que vão desde a escolha do tema até a adoção de uma determinada forma de pensar o objeto de estudo, de acessá-lo e de escrever sobre ele. Assim, nenhuma metodologia é desvinculada de subjetividade – e a pretensa neutralidade do positivismo demonstrou isso muito bem.

Em estudos sobre a cultura material as várias posições teóricas enfatizam aspectos alternativos da materialidade e do significado das coisas para pessoas, grupos e instituições, e nenhuma delas consegue exaurir o potencial que os objetos proporcionam para o entendimento da cultura e da sociedade. As teorias e os métodos que elas sustentam não são capazes de criar uma verdade absoluta sobre o passado, apenas possibilitam chegar a uma verdade relativa sobre o mesmo. Escolher uma teoria para rotular a sociedade é ignorar a complexidade das vivências humanas; desvincular-se de qualquer teoria é, além de uma tentativa sempre frustrada, um pensamento ingênuo perante o processo de construção do



conhecimento. A opção teórica torna o pesquisador consciente do que faz e do porque faz desse jeito e não de outro.

Na tese aqui apresentada a fenomenologia possibilitou uma visão de mundo que percebe a cultura material e os seres humanos como extensões uns dos outros, como complementos, e não opostos. Por reconhecer essa intrínseca relação entre coisas e pessoas foi proposto um estudo que buscou na experiência da paisagem estancieira a compreensão da sociedade que dela fazia parte. A subjetividade dessa experiência não é negada, mas ela é restrita às sensações físicas provocadas pelo estímulo dos sentidos quando do contato com a materialidade em estudo. Dito de outra forma, o estudo em fenomenologia da paisagem desenvolvido na estância Vista Alegre foi limitado pela condição corporal de *Homo sapiens sapiens* em contato com um espaço arquitetônico específico, formado por construções que, como componentes físicos da paisagem, podem ser tocadas e vistas por qualquer ser humano que compartilhe da visão e do tato.

Cabe ressaltar que a experiência corporal em meio às formas materiais não é em si a finalidade do estudo aqui apresentado. Ela é, sim, um meio para se chegar ao conhecimento da sociedade passada e, a partir disso, possibilitar a elaboração de interpretações sobre a mesma. É nesse ponto que a pesquisa em fenomenologia da paisagem dá sua contribuição aos estudos sobre a cultura material, possibilitando mais uma forma de pensar as sociedades do passado, a qual vem somar-se às demais interpretações já propostas por pesquisadores de orientação teórico-metodológica diversa. Isso posto, vale lembrar que a tese aqui apresentada caracteriza-se como mais uma contribuição à construção do conhecimento – não a única, tampouco verdadeira, mas uma dentre tantas outras já apresentadas ou ainda por vir.

Estar dentro da paisagem estancieira é mais do que uma questão de caminhar e observar os modos como as construções se dispõem no espaço da sede. Pela exploração sensorial das moradias do passado através do corpo em uma escala humana, mais do que na escala abstrata de um mapa, de uma planta baixa ou de uma série de medidas, é possível apreciá-las e compreendê-las de um modo extremamente diferente. Caminhar, sentir, experienciar através do corpo possibilita que no mínimo alguma coisa seja compartilhada com as pessoas que viveram na estância Vista Alegre. É verdade que hoje a lavoura, algumas reformas e o próprio abandono fornecem uma experiência diferente da vivenciada no passado, mas a disposição e as propriedades físicas do conjunto de sua sede conservam-se praticamente as mesmas, o que desencadeia uma referência sensório-corpórea comum em relação à paisagem. Somente nesta limitada extensão é possível estar dentro do universo estancieiro. De resto, nada se compartilha – não é possível recuperar o *habitus*, tão importante na estrutura da dinâmica social. Também é preciso admitir que a vida dos habitantes da Vista Alegre no século XIX não era meramente contemplativa ou guiada pelo “experienciar o mundo tal qual ele é”, na origem dos fenômenos, e que as condições históricas em que eles se encontravam requeriam que certas coisas fossem feitas. Era no fazer o que a dinâmica da estância demandava que a história de seus habitantes foi construída, que as moradias foram erguidas, utilizadas e então abandonadas. Entender essa história possibilita entender como uma paisagem que contém uma dinâmica produtiva para uma geração deu chances a uma paisagem demarcada por espaços cognitivos para outra. O entendimento do contexto histórico de formação e funcionamento das estâncias do Noroeste do Rio Grande do Sul, e em particular da própria Vista Alegre, aproxima mais o pesquisador contemporâneo da sociedade estancieira oitocentista,

e fornece uma base para que as interpretações advindas da experiência corporal do lugar hoje sejam elaboradas dentro de uma coerência com a história.

A proposta fenomenológica, especialmente se aliada ao conhecimento histórico, demonstra ser significativamente válida: o corpo e a consciência sensória constituem-se nas ferramentas que auxiliam a interpretar as sociedades passadas. Nesse sentido, a presente pesquisa propõe que a sede de uma estância de meados do século XIX constituía-se em um lugar hierárquico e hierarquizante. Isso porque o seu conjunto arquitetônico básico impunha barreiras limitadoras ao corpo humano, especialmente à visão e ao movimento, como pode ser experienciado ainda hoje dentre os remanescentes das moradias que compunham as sedes. Assim, além de manifestar materialmente a concepção de mundo de seu idealizador, o conjunto arquitetônico das estâncias constituía-se em um mecanismo que reafirmava constantemente a posição social que escravos, peões e senhorio ocupavam na sociedade de então, manifestando através da restrição corporal sugerida pela materialidade o nível de subordinação a que os indivíduos estavam sujeitos. Dessa forma, pode-se dizer que na interação cotidiana em meio ao espaço arquitetônico da estância formaram-se identidades sociais estreitamente ligadas à classe a que os indivíduos pertenciam e às funções que desempenhavam.

Dentro dessa perspectiva fenomenológica é possível comparar semelhanças e diferenças locais, regionais e inter-regionais de uma maneira que nunca será possível através de escavações, de pesquisas bibliográficas e da investigação junto a documentos primários. Além disso, a viabilidade financeira da pesquisa em fenomenologia da paisagem deve ser considerada. Na medida em que um estudo da cultura material por meio desse enfoque demanda baixíssimo investimento, restrito, no caso da presente pesquisa, a uma trena, um diário de campo e um lápis, o

método fenomenológico pode ser desenvolvido de uma maneira que nunca será possível através de escavações, dadas as restrições financeiras, práticas e sócio-políticas que a intervenção arqueológica envolve.

A metodologia fenomenológica desenvolvida nessa tese não destruiu o registro arqueológico. A Vista Alegre pode ser estudada de inúmeras outras formas, por outros pesquisadores, a partir de outros enfoques. A narrativa produzida a partir do estar no lugar foi limitada à experiência corporal e à materialidade específica da Vista Alegre, que permanece disponível para ser experienciada infinitas vezes, desde que suas formas não se alterem significativamente. Esta tese pode ser contestada. A Vista Alegre não.

## REFERÊNCIAS

APPADURAI, Ajurn. "Introduction: commodities and the politics of values" in APPADURAI, A. (ed). **The Social Life of Things**. Commodities in cultural perspective. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, p. 3-63.

BAGUET, A. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; Florianópolis: PARAULA, 1997.

BAKOS, Margaret M. **RS: escravidão e abolição**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

BARCELOS, Artur Henrique Franco **Espaço e Arqueologia nas Missões Jesuíticas**. O caso de São João Batista. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

\_\_\_\_\_. **O Mergulho no Seculum**: exploração, conquista e organização espacial jesuítica na América espanhola colonial. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 2006.

BASSO, K. H. "Wisdom Sits in Places. Notes on a Western Apache landscape", in FELD, S.; BASSO, K. (eds). **Senses of Place**. Santa Fe, New Mexico: School of American Research Press, 1996, p. 53 - 90.

BENDER, Barbara. "Landscape – meaning and action" in BENDER, Barbara. (ed), **Landscape – politics and perspectives**. Oxford: Berg, 1995, p. 1 - 17.

\_\_\_\_\_. "Place and landscape" in TILLEY, C.; KEANE, W.; KÜCHLER, S.; ROWLANDS, M; SPYER, P. (eds.). **Handbook of Material Culture**. London: SAGE, 2006, p. 303-314.

BERND, Zilá; BAKOS, Margaret. **O Negro: consciência e trabalho**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

**BOSSOROCA**. História e pontos turísticos. Prefeitura Municipal de Bossoroca. Secretaria Municipal de Turismo e Desenvolvimento Econômico. Administração 2001/2004.

BOURDIEU, Pierre. **Outline of a Theory of Practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

CABRAL, Mariana Petry. **Sobre Coisas, Lugares e Pessoas: uma prática interpretativa na arqueologia de caçadores coletores do Sul do Brasil**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 2005.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

CASEY, E. "How to get from space to place in a fairly short stretch of time: Phenomenological Prolegomena" in FELD, S.; BASSO, K. (eds). **Senses of Place**. Santa Fe, New Mexico: School of American Research Press, 1996, p. 13 - 52.

CÉSAR, Guilhermino. **História do Rio Grande do Sul: período colonial**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2002.

CHILDE, V. Gordon. **Introdução à Arqueologia**. S/l: Publicações Europa-América, 1977.

COCHRAN, M. D.; BEAUDRY, M. C. "Material Culture Studies and Historical Archaeology" in HICKS, Dan; BEAUDRY, Mary (eds). **The Cambridge Companion to Historical Archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 191-204.

COELHO, Lucinda de Mello. "Terras e Colonização no Segundo Reinado" in **Anais da XX Reunião da SBPH/Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica**. Rio de Janeiro: SBPH, 2000, p. 291-296.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e Organização Espacial**. São Paulo: Ática, 1991.

COSTA, Firmino. **Terra de Vila Rica**. Contribuição ao estudo da história do município de Júlio de Castilhos. Júlio de Castilhos: Publicação do Centro Cultural Francisco Salles/Prefeitura Municipal de Júlio de Castilhos, 1991.

DEETZ, James. **In Small Things Forgotten**. An Archaeology of early American life. New York: Anchor Books, 1977.

FARINATTI, Luís Augusto Ebling. **Sobre as Cinzas da Mata Virgem – Os lavradores nacionais na Província do Rio Grande do Sul (Santa Maria: 1845 – 1880)**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1999.

\_\_\_\_\_. “Por uma história agrária do Rio Grande do Sul”, in **Histórica: Revista da Associação dos Pós-Graduandos em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**, n. 5. Porto Alegre, APGH, PUCRS: 2001, p. 199-210.

\_\_\_\_\_. “Escravos do pastoreio. Pecuária e escravidão na fronteira meridional do Brasil (Alegrete, 1831-1850)” in **Ciência & Ambiente**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. n. 33, jul./dez. 2006, p. 135-154.

FELD, S. “Waterfalls of Song. An acoustemology of place resounding in Bosavi, Papua New Guinea” in FELD, S. and BASSO, K. (eds). **Senses of Place**. Santa Fe, New Mexico: School of American Research Press, 1996, p. 91 - 135.

FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1997.

GOMES, Aristides de Moraes. **Fundação e Evolução das Estâncias Serranas**. Cruz Alta: Ed. Liderança, 1966.

GOMES, Flamarion Freire da Fontoura. **Aspectos da Cultura Material e Espacialidade na Estância Velha do Jarau (1828-1905): um estudo em Arqueologia Histórica Rural**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 2001.

GOOGLE EARTH (2007).

HODDER, Ian and HUTSON, Scott. **Reading the Past**. Current approaches to interpretation in Archaeology. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HOSKINS, Janet. **Biographical Objects**. How things tell the stories of people's lives. New York and London, Routledge, 1998.

ISABELLE, Arsène. **Viagem ao Rio Grande do Sul, 1833-1834**. 2 ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.

JOHNSON, Matthew. **Archaeological Theory**. An introduction. Oxford: Blackwell, 1999.

\_\_\_\_. "Thinking about landscape" in RENFREW, C.; BAHN, P. **Archaeology**. The key concepts. London: Routledge, 2005, p. 156 – 158.

KERN, Arno Alvarez. "Temas e problemas da arqueologia do Rio da Prata" in KERN, Arno Alvarez [et. al.]. (org.) **Sociedades Ibero-Americanas**: reflexões e pesquisas recentes. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

KOPYTOFF, Igor. "The cultural biography of things: commodization as process" in APPADURAI, A. (ed). **The Social Life of Things**. Commodities in cultural perspective. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, p. 64-91.

KÜCHLER, Susanne. "Landscape as memory: the mapping of process and its representation in a Melanesian society" in BENDER, B. (ed), **Landscape – politics and perspectives**. Oxford: Berg, 1995, p. 85 - 106.

KÜHN, Fábio. **Breve História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2002.

LAZZAROTO, Danilo. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Sulina, 1982.

LESSA, L. C. Barbosa. **Rio Grande do Sul**: prazer em conhecê-lo. Rio de Janeiro: Globo, 1984.

LUCCAS, Luís Henrique Haas. **Estâncias e Fazendas**: arquitetura da pecuária no Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 1997.

MAESTRI F<sup>o</sup>., Mário. **O Escravo no Rio Grande do Sul**. A charqueada e a gênese do escravismo gaúcho. Porto Alegre: EST, 1984.

MARTINS, José de Souza. **Capitalismo e Tradicionalismo**: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1975.

\_\_\_\_. **O Cativo da Terra**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

\_\_\_\_. **Os camponeses e a Política no Brasil**. As lutas sociais no campo e seu lugar no processo político. Petrópolis: Vozes, 1981.



MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_. **Palestras**. Lisboa: Edições 70, 2002.

ORTIZ, Helen Scorsatto. **O Banquete dos Ausentes: A Lei de Terras e a formação do latifúndio no norte do Rio Grande do Sul (Soledade, 1850-1889)**. Dissertação de Mestrado. Passo Fundo: UPF, 2006.

OSÓRIO, Helen. **Apropriação da Terra no Rio Grande de São Pedro e a Formação do Espaço Platino**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 1990.

\_\_\_\_. "Estancieiros que plantam, lavradores que criam e comerciantes que charqueiam: Rio Grande de São Pedro, 1760-1825" in GRIJÓ; KÜHN; GUAZZELI; NEUMANN; OSÓRIO (et. al.), **Capítulos de História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004, p. 75-90.

PEREIRA, Cláudio Nunes. **Genealogia Tropeira**. Rio Grande do Sul, século XIX e XX. Coletânea de material histórico e genealógico. 2004. Disponível em: <<http://valdenei.silveira.googlepages.com/genealogiatropeira>>. Acesso em: 10 set. 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

PILETTI, Nelson; MOSOLINO, Ivone. **A Questão da Terra no Brasil**. Caxias do Sul: Maneco Livraria & Editora, 1999.

POZZEBON, Maria Catharina Lima. **O caminho das tropas e a formação de Cruz Alta**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 2002.

**RECENSEAMENTO DO BRASIL EM 1872**. IBGE. Disponível em: <[www.biblioteca.ibge.gov.br](http://www.biblioteca.ibge.gov.br)>. Acesso em: 19 nov. 2006.

REICHEL, Heloisa Jochims; GUTFREIND, Ieda. **As Raízes Históricas do Mercosul**. A região platina colonial. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2001.

RÜCKERT, Aldomar A. **A Trajetória da Terra**: ocupação e colonização do centro-norte do Rio Grande do Sul – 1827-1931. Passo Fundo: Ediupf, 1997.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Tradução de Adroaldo Mesquita da Costa. Porto Alegre: Martins Livreiro Ed., 2002.

SANDERS, Donald. "Behavioral conventions and archaeology: methods for the analysis of ancient architecture" in KENT, Susan (ed.). **Domestic architecture and the use of space**: an interdisciplinary cross-cultural study. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, p. 43-72.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: HUCITEC, 1997.

\_\_\_\_. **Pensando o Espaço do Homem**. São Paulo: Edusp, 2004.

SILVA, Nery L. Auler. **Arquitetura Rural do Planalto Médio**. Séc. XIX. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2004.

THOMAS, Nicholas. **Entangled Objects**: exchange, material culture, and colonialism in the Pacific. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 1991.

TILLEY, Christopher. **A Phenomenology of Landscape**. Places, paths and monuments. Oxford: Berg, 1994.

\_\_\_\_. **An Ethnography of the Neolithic**. Early prehistoric societies in Southern Scandinavia. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

\_\_\_\_. "Mind and Body in Landscape Research" in **Cambridge Archaeological Journal** 14:1. United Kingdom: McDonald Institute for Archaeological Research, 2004a, p. 77 - 80.

\_\_\_\_. "Round Barrows and Dykes as Landscape Metaphors" in **Cambridge Archaeological Journal** 14:2. United Kingdom: McDonald Institute for Archaeological Research, 2004b, p. 185 - 203.

\_\_\_\_. **The Materiality of Stone**. Explorations in landscape phenomenology. Oxford/New York: Berg, 2004c.

\_\_\_\_. "Theoretical Perspectives" in TILLEY, C.; KEANE, W.; KÜCHLER, S.; ROWLANDS, M; SPYER, P. (eds.). **Handbook of Material Culture**. London: SAGE, 2006, p. 7-11.

TILLEY, C.; KEANE, W.; KÜCHLER, S.; ROWLANDS, M; SPYER, P. "Introduction", in TILLEY, C.; KEANE, W.; KÜCHLER, S.; ROWLANDS, M; SPYER, P. (eds.). **Handbook of Material Culture**. London: SAGE, 2006, p. 1-6.

TORRONTEGUY, Teófilo O. V. **As Origens da Pobreza no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto/Instituto Estadual do Livro, 1994.

WASON, Paul. K. **The Archaeology of Rank**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

WEINER, A. **Inalienable Possessions: the paradox of keeping-while-giving**. Berkeley; Oxford: University of California Press, 1992.

ZARTH, Paulo Afonso. **História Agrária do Planalto Gaúcho, 1850-1920**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1997.

\_\_\_\_. **Do Arcaico ao Moderno: o Rio Grande do Sul agrário do século XIX**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.

## FONTES PRIMÁRIAS

APERS – Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (Porto Alegre)

Inventários *Post-mortem*:

Júlio de Castilhos – 1874: Serafim Corrêa de Barros (inventariante) e Anna Maria de Jesus (inventariada). Cartório de Órfãos e Ausentes, processo número 103, maço 04, estante 116.

Júlio de Castilhos – 1884: Serafim Corrêa de Barros (inventariante) e Carolina Corrêa de Barros (inventariada). Cartório do Cível, processo número 40, maço 01, estante 132.

Júlio de Castilhos – 1886: Salustiano Corrêa de Barros (inventariante) e Serafim Corrêa de Barros (inventariado). Cartório Provedoria, autos número 19, maço 01, estante 133.